

Biblioteca Digital Curt Nimuendaju

<http://biblio.etnolinguistica.org>

Nimuendaju, Curt & R. F. Mansur Guérios. 1948. Cartas etnolingüísticas. In *Revista do Museu Paulista*, n.s., n. 2, p. 207-241.

[Permalink: http://biblio.etnolinguistica.org/nimuendaju_guerios_1948.pdf]

O material contido neste arquivo foi digitalizado e disponibilizado online com o objetivo de tornar acessível uma obra de difícil acesso e de edição esgotada, não podendo ser modificado ou usado para fins comerciais. Seu único propósito é o uso acadêmico individual.

Possíveis dúvidas ou objeções quanto ao uso e distribuição deste material podem ser dirigidas aos responsáveis pela Biblioteca Curt Nimuendaju, no seguinte endereço:

<http://biblio.etnolinguistica.org/contato>

CARTAS ETNO-LINGÜÍSTICAS

por
CURT NIMUENDAJÚ e R. F. MANSUR GUÉRIOS

A guisa de Introdução: CURT NIMUENDAJÚ LINGÜISTA

Foi o prof. dr. Herbert Baldus que me aproximou do grande etnólogo e etnógrafo Curt Nimuendajú, cujo falecimento é ainda sentido profundamente pelos americanistas nacionais e estrangeiros.

Pequeno foi o espaço de tempo em que mantivemos correspondência, a qual poderia ser mais freqüente, se não fôsse principalmente a tarefa de minhas muitas aulas.

A nossa correspondência, compreendida em seis cartas minhas e seis de Nimuendajú, baseada em consultas que lhe fiz, versou a respeito de Etnografia e Glotologia brasileiras (classificação de idiomas, etc.), e, forçado pelo desenvolvimento das nossas idéias, foram abicadas algumas questões de Lingüística Geral e problemas de sua metodologia.

Através das missivas de Curt Nimuendajú descobrir-se-ão várias qualidades suas, a par de ciência e espírito científico — franqueza, sinceridade, probidade, modéstia, presteza em servir e servir bem, sem reservar só para si preciosos e vastíssimos conhecimentos.

A faceta que eu queria esboçar aqui, é a do lingüista em sentido genérico, e não sei se o farei a contento.

A Curt Nimuendajú, que se tornou famoso no cultivo da Etnologia e Etnografia, muito deve a Ciência da Linguagem. Se é verdade que lhe impendia obrigação, como etnógrafo completo, de recolher materiais lingüísticos, não é menos verdade o acurado propósito, que sempre alcançou, de servir à Ciência com a máxima perfeição possível, e que se caracterizava na exatidão das transcrições científicas, seleção do material ("Leitwörter"), método, clareza e segurança. Porém, não se contentava disso, o que, todavia, já seria muito, mas entregava-se também às indagações comparatistas, aproximando ou relacionando línguas e grupos, retificando-lhes ou ratificando-lhes o parentesco. Sirva de exemplo o estudo "Die Verwandtschaft des Munduruküischen mit dem Tupiischen" in "Lose Blätter vom Cururu", ano XV, n.º 2, Bahia, 1937, de cuja conexão tenho a honra de discordar, como o faz nosso amigo comum, o prof. Herbert Baldus.

O ensejo da nossa correspondência mostra-nos ainda, senão o lingüista "stricto sensu", pelo menos o cientista dotado do necessário espírito crítico perante os argumentos de caráter universalista, a que obriga a Lingüística Geral.

Se êle não era, de modo absoluto, contrário à tese de que na Glotologia indo-européa o fonema *p* evoluiu para *f* (**pater* > al. *vater* (= *fater*), etc.), por que não admitiria fenómeno comparável na Glotologia ameríndia? No kaingang, ao lado de *péno*, "trocar, vender", existe *feno*, "trocar, vender", etc., o que se explica por *p* > *f*. Essa coexistência denuncia que o fenómeno é recente. Embora possa não ser esta a mesma explicação, há, p. ex., no latim *paemi-n-osus* (ou *pemi-n-osus*), "fedorento", ao lado de *finu-s*, "estêrco", evoluído de *pinu-s*.

Essa evolução, que nada tem de anormal, encontra abono em outros grupos: Proto-semítico * *pataha* > árabe *fátaha*, "abrir"; proto-sudanes * *pulbe* > língua fula *fulbe*, "os (homens) fulas"; proto-ugro-fínico * *pefe* > húngaro *fül*, "orelha"; etc.

Parece que maior escrúpulo tem Nimuendajú com referência aos fenómenos semânticos. Não admite possa haver equação semântica entre "sol" e "estrêla", "pau" e "fumaça", "bôca" e "nariz", etc. (segundo Rivet). Para explicar certos cotejos, é mister considerar a evolução de sentidos primitivos. A ideia do lat. *luna*, "lua", proveio de outra, isto é, de "luz", "brilho" (idéia genérica), e compare-se, então, *lux* (*luk-s*) com * *louk-s-na* do proto-italico > lat. *luna* (preestino *losna*).

O grego *hélios*, "sol", proveniente de * *sawélics* ou de * *selios*, é corradical de * *se-la-s-na* > *seléne*, "lua". Não resta dúvida que se trata em ambos os casos de uma evolução do conceito "brilho", "esplendor", cp. *sélas*.

Se o grego *astér* quer dizer "astro", "estrêla", o seu cognato *ástron*, além de "estrêla", significa também "cêu", e tem por afim o sânscrito *taras*, "constelação". Para confronto do -s-helénico, cp. o lat. *stella* < *steriila* diminutivo < **s-ter-*.

Todos sabemos que o tupi *iacy-tatá* quer dizer "estrêla", isto é, literalmente, "(da) lua fogo". Ora, o apiaká de Mato Grosso, ao lado de *iahitá*, "estrêla", possui *iahitá*, "estrêla" ("Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.", II, 2.ª ed., 1865). Erraria o glotólogo em estabelecer a equação *iacy*, "lua", com *iahi-tá*, "estrêla"? Assim, não se deve estranhar "sol" > < "estrêla". E não se afirma que o Sol é uma estrêla?

Quanto ao segundo par semântico — "pau" = "fumaça", é encontradica, não só nas línguas americanas, mas em quaisquer grupos a equivalência "lenha" ou "árvore" = "fogo", ou "lenha para fogo" > "fogo". E desta última noção decorre logicamente a de "fumaça".

O kaingang *pin* quer dizer lenha e "fogo". Formam equações com êle o ingauá (guaianá) *pein*, *pen*, "fogo"; kraó (Rio Preto) *pin*, "árvore"; karaú do Tocantins, apinagé e aponegikrã *pi*, "árvore"; kaiapó do Alto Paraná *pe*, "árvore".

O tokana *peka-mé*, "fogo", é o tokana *peká*, "lenha", que parece representar o segundo elemento do botokudo *txon-pek*, "fogo". O primeiro elemento é o mesmo botokudo *txon*, "árvore", derivado de * *kon*, corradical do kaxinaú *ku(n)(n)*, "fumaça", proveniente de * *kuni*, por sua vez comparável ao merime *i-kune*, "fumaça" e o segundo elemento do kaiapó *kuo-kum*, "fumaça". É seu afim o makoni *koe* (n) < **kone*, "fogo". O krixaná *i-kunã*, seu cognato, quer dizer "quenté".

De passo lembrarei que, em tupi, a "fumaça" é traduzida por "fogo branco" — *tatãtãga*, e concluo com a esquisita evolução do port. *funno*, "fumaça" > *funo*, "tabaco" (no Brasil).

"Bôca" e "nariz" formam as seguintes equações semânticas: *mehinakú nu-kir-abe*, "bôca" = *kustenaú nu-kir-abi*, "nariz" = *mehinakú nu-kir-aze*, "bôca" = *yaulapiti nu-kir-ze*, "nariz" = *waurá nu-kid-zi* "nariz" = *pareci nu-keil-ho*, "bôca" = *bororo i-keru*, "lingua" = talvez *quichua kiru*, "dente".

O galibi *emba-tari*, "bôca" é o galibi *ene-tali*, "nariz" = *kumanagoto m-tar*, "bôca". O chapane *irido*, "bôca" forma equação com o paez *inz*, "nariz". No indo-europeu comum, diz Trombetti, os nomes da "bôca" e da "orelha" são, em última análise, idênticos ("bôca" = "orifício" = "orelha"). Assim, * *au-s-* é base de *auris*, "orelha", mas também é base de * *oss* > *os*, *oris*, "bôca" (cp. lat. *auscultum* e *osculum*, *austium* e *ostium*).

Grande desacôrdo semântico há entre "mar" ou "oceano" e "ilha", e no entanto o grego nos oferece *archipélagos*, "agrupamento de ilhas", mas cujos elementos dizem *archi-*, "superior" e *psélagos*, "mar".

O máximo do absurdo se acha na enantiossemia, isto é, no fenómeno do sentido diametralmente oposto ao primitivo. Sirva de exemplo o lat. *apricare*, "expor ao ar livre, aquecer ao sol", baseado em *aperire*, "abrir", mas no port. *abrigar* é "dar proteção, proteger, agasalhar".

Os fenómenos lingüísticos, como se viu, não são, pois, peculiares a um idioma, mas realizam-se, de modo idêntico ou quase, em outros, afins ou não.

Não será porém a pouca familiaridade com fenómenos gerais da Lingüística — explicável pela sua vida vivida em contacto perene com os silvícolas, — que há de empanar o valor da enorme contribuição de Nimuendajú para o Americanismo, em especial para a Glotologia brasileira, e que só saberemos estimar suficientemente, quando tivermos publicados todos os materiais lingüísticos (vocabulários, gramáticas, textos, etc.) ainda inéditos, ou republicar aquilo que se acha espalhado por todo o mundo culto em obras raríssimas ou só acessíveis nas grandes bibliotecas.

Curt Nimuendajú, como lingüista que é, pertence hoje à história da Glotologia sul-americana, como batista de diretrizes científicas, e glotólogo algum empreenderá estudos dos nossos idiomas indígenas sem citar seu nome acatado e de segura autoridade, glória do Museu Goeldi, do Pará, e honra do Brasil, que o tornou brasileiro de coração e mente.

O sr. Arion Dall'igna Rodrigues, do curso de Letras Clássicas na Faculdade de Filosofia do Paraná, e cultor da Glotologia índia, teve a bondosa gentileza de me entregar para publicação, como apêndice a esta dúzia de cartas, duas outras — uma, que endereçou ao mesmo Nimuendajú, solicitando-lhe informes, e outra, sua resposta, que vale não só pelo conteúdo, em que tem ensejo de esclarecer assunto nem sequer suspeitado, o referente à autoria de um mapa etnográfico, incluso em trabalho de Herrmann von Ihering, mas ainda, e sobretudo, pelo fato dessa carta datada de 7 de dezembro de 1945 (S. Paulo de Olivença) ser uma das últimas que escreveu o notabilíssimo cientista, senão talvez a última, porquanto data a sua morte de 10 do mesmo mês e ano.

Antes de encerrar, duas palavras respeitantes à nomenclatura etnológica. Embora fosse decisão de convenção internacional dos etnólogos o emprego de nomes de tribos, etc., sob a única forma do singular, mesmo com o artigo no plural (*os Tupi*, etc., e não *os Tupís*, etc.), nos meus trabalhos não segui tal praxe, senão agora. A forma *os Tupi* deve ser entendida "os índios de nação ou tribo, ou língua tupi", fenômeno gramatical perfeitamente explicável.

Quanto ao uso de *k* (ou *y* ou *w*) em etnônimos ou etnonímicos (*kain-gang*, *krenak*, etc.), corre-me a obrigação de declarar que somente o fiz por solicitação, porquanto distingo perfeitamente as formas portuguesadas *kain-gangue*, *crenaque*, etc., dos nomes *kaingang*, *krenak*, etc., da representação oral-gráfica dessas línguas.

Os franceses chamam à sua língua *français*, os ingleses ao seu idioma *english*, e seria falta de leza-vernaculidade usarmos tais formas como se fossem denominações portuguesas.

A esta observação fui levado em vista de eu não ser somente cultor de línguas indígenas americanas, mas também cultor da língua portuguesa.

Respeitei a ortografia e a linguagem de Curt Nimuendajú. Apenas nos vocábulos indígenas adaptei as representações gráficas de sinais especializados com outras, providas facilmente pelas tipografias.

A 3 de abril de 1947 em Curitiba

R. F. Mansur Guérios — Assistente de Lingüística no Museu Paraense e catedrático na Universidade do Paraná.

Curitiba, 4 de maio de 1943

Ilmo. Sr. Curt Nimuendajú
Museu Paraense Emilio Goeldi,
Belém do Pará.

Tenho imenso prazer em transmitir-lhe esta carta. Já o conhecia de nome, através de artigos vários sobre os nossos indígenas.

A publicação de um trabalho meu no último número dos "Arquivos do Museu Paraense", intitulado — "Estudos sobre a Língua Caingangue" — deu-me ensejo para que eu me aproximasse, em correspondência, do ilustrado cultor da Etnologia brasileira o sr. dr. Herbert Baldus.

Num dos cartões que me dirigiu, foi muito gentil para comigo, dizendo o seguinte, que, peço vênia, para repetir: "Agradeço-lhe muito a remessa dos seus trabalhos... Eles aumentaram ainda mais o respeito com que vejo a sua capacidade intelectual. Eu gostaria muito se o amigo pudesse continuar os estudos tupinológicos. O que nos falta, é uma minuciosa comparação de todos os dialetos tupi conhecidos até hoje. Curt Nimuendajú, o melhor conhecedor dessas línguas, não tem tempo nem vontade para isso. Eu também tenho outras coisas que ainda mais me prendem. Mas a tarefa é importantíssima. Poderia fornecer-lhe dados se o amigo quisesse empreendê-la".

Os dados que esse estimado e prestimoso colega me forneceu, foram: Anchieta, Montoya, Figueira, o "Dicionário Brasileiro" e o "Vocabulário de Fr. Arronches" (Plínio Ayrosa), Stradelli e Loukotka ("Línguas Indígenas do Brasil").

Todos eles eu os possuo. Para um trabalho dessa natureza, mesmo de proporções modestas, necessitaria do maior número possível de material lingüístico. Eu me sentiria sumamente orgulhoso em poder tê-lo como companheiro nessa tarefa, se o sr. me favorecesse com vocabulários ou gramáticas. É verdade que tenho quase todas as horas ocupadas, mas, pouco a pouco, vou tomando o terreno.

As bibliotecas desta Capital são paupérrimas da especialidade. Esquecia-me de dizer-lhe que possuo a obra de Martius, porém não conheço a de Lucien Adam, a qual, penso, é indispensável — "Matériaux pour l'Établissement de la Grammaire Comparée des Langues Tupi". Não resta dúvida que a mesma se acha esgotada.

Disponha o sr. de mim, como lhe aprouver. Aqui fico aguardando qual-quer resposta sua. E agradecidamente.

Rosário Farani Mansur Guérios

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná
Rua 15 de Novembro, n.º 1.004
Curitiba, Paraná.

Belém do Pará, 10 de Julho de 1943.

Ilhmo. Snr.

Rosário Farani Mansur Guérios

Muito lhe agradeço a amavel renessa dos seus 4 trabalhos:

“Estudos sobre a Língua Caingangue”.

“Novos Rumos de Tupinologia”.

“Sobre a origem da Flexão”.

“Tabús Linguísticos”.

Os assumptos me interessam muito: Com a lingua Kaingang tive de occupar-me bastante em 1910 e 1911, por occasião da pacificação dos Kaingang de São Paulo, e possuo algum material de valor grammatical que até hoje nunca aproveitei. — O estudo comparativo das linguas Tupi é trabalho que ha muito se impõe e para o qual já Steinen em 1886 reclamou o interesse de algum brasileiro versado na Língua Geral. De facto, eu tomei de tribus desta familia linguística 23 vocabularios e outros apontamentos, sendo 15 publicados (Apapokúva^a [textos], Turiwára^a, Amanayé^a, Tembê^a, Kawahiwa-Paraitintin, Kawahiwa-Paranawát, Kawahiwa-Wirafét^a, Maué, Kurúaya, Mundurukú, Itogapuk^a [com notas sobre o parentesco com o Tupi], Arikém, Takunyápe, Yurúna, Xipáya [com grammatica]), e 8 inéditos (Gua-jajára, Kawahiwa-Wirafét^b, Itogapúk^b Tembê^b [com material para grammatica], Kokáma [com grammatica] Turiwára^b, Apapokúva^b, Amanayé^b, algumas palavras do Iyaparé e da lingua de uma tribu desconhecida do Tocantins [Kupe (n)rob ?] como tambem um trabalho sobre o parentesco do subgrupo Yurúna.

Infelizmente é-me por hora absolutamente impossivel occupar-me do assumpto, pois dentro de poucos dias terei de seguir para o Rio e Mato Grosso, a chamado do General Rondon, e tendo de concluir antes a toda pressa uns serviços para o Museu Paracense, etc., nem sequer terei mais o tempo para dar aos seus trabalhos a merecida attenção, ficando todos os outros assumptos adiados para mais tarde.

Entretanto espero permanecer em correspondencia com o Snr. e assim que eu tiver uma vaga estudarei os seus trabalhos com todo o interesse.

Sou com toda a estima e consideração

Curt Nimuendajú

Curitiba, 26 de outubro de 1944

Prezado senhor:

Em maio do ano passado, a instâncias do meu amigo, o ilustre prof. dr. Herbert Baldus, tive o prazer de lhe dirigir uma carta, a qual mereceu resposta do sr., porém com a promessa de, após a sua ida ao Rio, attender ao que eu solicitava.

Agora, novamente me acho à sua presença para o mesmo fim. Eu precisaria, para os meus estudos linguísticos americanos (*Sprachvergleichung*), o

maior número possível de vocabulários e gramáticas de qualquer língua indígena. Ninguém melhor que o sr. me poderia attender. Satisfarei immediatamente qualquer despesa que daí lhe advenha.

Tive o grato prazer de lhe brindar com os meus “Estudos sobre a Língua Caingangue”. Espero publicar “Novos Estudos sobre a Língua Caingangue”. Na missiva que o sr. me escreveu, disse-me ter tratado com esses indígenas. Eu gostaria imenso de obter o seu vocabulário. O prof. H. Baldus, há pouco, quando estive em S. Paulo, me deu de presente um precioso vocabulário, uma cópia datilografada dos originaes de dicionario kaingang do vale do Ivaí, de autoria do pe. Humberto Ostleuder, S. V. D.

Em fins de fevereiro estive em contacto com os Botocudo do Rio Doce, em Crenaque, Minas, quase fronteiro do Espírito-Santo. Eu fui feliz e muito, porque colhi copioso material constante de frases e vocabulários. Infelizmente todos eles não conhecem lenda alguma dos seus antepassados, em sua própria língua.

Nessa occasião, tive oportunidade de travar conhecimento, nesse mesmo local (Pôsto indígena Guido Marlière), com um Kamakã da Bahia, de quem apanhei um pequenino vocabulário. Ambos esses estudos serão publicados brevemente nos “Arquivos do Museu Paranaense”.

O sr. Francisco Schaden, do Museu Catarinense, publicou no n.º 2 do “Boletim Bibliográfico da Biblioteca Municipal de S. Paulo” (ano I, jan., fev. e março 1944) um trabalho — “Apontamentos Bibliográficos para o Estudo dos Indios Kaingang” — mas reusou incluir os trabalhos referentes aos Xokrén ou Aweikona, de Santa Catarina, porque o fará à parte. Ele disse que “ainda não se chegou a um acôrdo entre os cientistas que os estudaram”, se são ou não Kaingang. Estou elaborando um estudo para provar que o idioma dos Xokrén é o mesmo que o dos do Paraná, Rio Grande do Sul e S. Paulo. Mas o material linguístico dos Xokrén, que eu possuo, é principalmente o que se acha nos “Anais do XX Congresso Internacional de Americanistas”, Rio, 1922, editados em 1932, de autoria do dr. José Maria de Paula. Dos Estados Unidos estou à espera do trabalho linguístico do prof. Jules Henry. O sr. possui algo do xokrén?

O prof. H. Baldus e outros de S. Paulo, eu e outros do Paraná, combinamos fazer uma excursão pelo Piquiri e Ivaí atrás dos nativos aí remanescentes. Isto se dará em junho e julho de 1945, se Deus quiser.

Peço-lhe o obséquio de me informar, se possível: 1.º) Existem ainda os Foxavante (Xavante mansos) do Paranapanema? Quais outros vocabulários deles existentes, além do de Telêmaco Borba e do de Ewerton Quadros?

2.º) Existem ainda na Argentina, ou em outro lugar, os Guaianá e os Ingáin? Quais outros vocabulários existem dos mesmos, além do que foi publicado na “Revista do Museu Paulista”?

Muitissimo obrigado desde já lhe fica o admirador, que ora se despede

Mansur Guérios

Belém do Pará, 3 de novembro de 1944

Illmo. Snr. Prof. Rosário Farani Mansur Guérios

Prezado Snr. Professor.

Tenho de lhe pedir desculpas por não ter respondido satisfatoriamente a sua carta do anno passado, respondendo porém com esta promptamente a sua ultima de 26 de Outubro do anno corrente que me chegou às mãos hontem:

1) **Material linguístico dos Kaingang.** — Em 1909 tomei um pequeno vocabulário de 276 numeros dos Kaingang de São Paulo (Yakuädagtéye) com uma india aprisionada numa "dadá". Senão o segundo vocabulário que tomei na minha vida, elle se ressentia da falta de practica no assumpto.

Em 1911, por occasião da pacificação destes mesmos Kaingang de São Paulo, tomei apontamentos grammaticaes com o interprete Alfredo Vegmô do Toldo do Faxinal (aguas do Ivaly). São umas 10 paginas dactylographadas, mas nunca puz este material em ordem nem cogitei em publicá-lo por achá-lo egualmente deficiente, sendo elle apenas destinado ao fim de me pôr em condições de poder controlar os interpretes. Isto no interesse da pacificação. Esses apontamentos são feitos no dialecto do Ivaly. Em 1912 vizitei os Kaingang desta região nos seus toldos e fiz apontamentos muito interessantes, especialmente sobre a organização social delles. Ficaram porém de tal maneira incompletos que não me atrevi a publicá-los, esperando sempre poder ainda completá-los. Entretanto, no anno seguinte fui transferido para o Pará, e nunca mais pude voltar ao Sul.

2) **Botocudos de Minas.** — Em 1939 eu procurei o que ainda restava e achei o seguinte:

Tambacury:	Poyitxá	4
	Araná	1
	Potén (g)	2
Crenac:	Txonvũgn (tribu de Krenak)	3
	Naktun (g)	2
	Nakpie (Nagut-krak)	1
	Nakrehé (do Manhuassú)	35
Pancas:	Minyã-yirũgn	2
		50

No campo da sociologia e religião o resultado foi melhor que eu esperava. Tomei o seguinte material linguístico: Potén(g) 349 numeros, tabella dos termos de parentesco. — Nakrehé 302 numeros, entre estes muitas frases. — Nakpie 37 numeros. — Minyã-yirũgn 37 numeros.

3) **Kamakã.** — Em 1938 fui vêr o que ainda restava dos Kamakã no seu territorio primitivo, entre os rios Contas e Pardo: Achei uma unica velha de sangue puro, conhecedora da lingua e, parcialmente, das tradições; havia mais uma duzia de mestiços que em nada se diferenciavam dos demais neobrazileiros

da região. Mandei fazer uma cazinha para a velha, vesti e sustentei-a e trabalhei com ella tres semanas, com enorme difficuldade, pois estava quasi completamente surda. Comtudo aproveitei muita coisa em materia de tradições. **Material linguístico:** 225 numeros; poucos elementos grammaticaes.

4) **Botocudos de Santa Catarina.** — Prefiro provisoriamente este nome. E. Hoerhan — Posto Duque de Caxias que conhece a lingua delles a fundo me disse que nunca pôde descobrir uma autodenominação delles. Xokre(n), de certo, elles não se chamam, porque não ha nenhuma tribu que usa este nome como autodenominação. Em 1908 eu propuz a H. von Ihering o nome de Aweikóma (= "indio" no vocabulário do Dr. Gensch) que elle usou no Congresso de Americanistas de Buenos Aires, e que desde então apparece na litteratura, mas elle tampouco é a autodenominação da tribu. Xokre(n), tanto como sei, não se refere sómente aos Botocudos como tambem a outras hordas dos Kaingang proprios que se conservam hostis e arredios, ou que pelo menos até ha pouco assim se conservaram. Assim os nossos interpretes do Ivaly em 1911-1912 qualificavam de Xokre(n) os Kaingang do Salto da Ariranha e da Serra da Pítanga e os então hostis de São Paulo e do Laranjinha. Eu creio que Schaden teve razão quando separou os Kaingang dos Botocudos. Sem duvida, a lingua destes é um meto dialecto do Kaingang — vi, porém este dialecto é mais diferenciado que qualquer outro, e a cultura das duas tribus apresenta divergencias tão notaveis que só pode causar confusão chamar a ambas pelo mesmo nome; isto o Snr. mesmo notará quando um dia lêr o artigo que Métraux escreveu para o Handbook of South American Indians, onde Kaingang e Botocudos são tratados como sendo uma e a mesma tribu.

O primeiro material linguístico dos Botocudos publicou Dr. Gensch na Zeitschr. f. Ethn. XL. Berlín. 1908. Henry mandou-me o seu "A Kaingang Text" — International Journal of American Linguistics, VIII. 1935, que me parece ser um bom trabalho (o que não se pode dizer dos trabalhos etnolinguísticos delles). Elle sem duvida dispõe de grande talento linguístico. — Eu mesmo nunca vi um unico Botocudo sequer.

Faço votos que a projectada viagem de estudos do Snr., do Dr. Balduis e outros em Junho e Julho de 1945 se realize! Mas um ou dois mezes não serão sufficientes para exgottar o assumpto.

5) **Êo-Chavaute.** — Eu chamo esta tribu Xavãnte-Otú para distingui-la dos Xavãnte-Op(h)ayé (de lingua isolada) da margem direita do Paraná e dos Xavãnte-Akwe(n) (de lingua Gê) do Rio das Mortes. A autodenominação é Otú. Em 1909 mandou-me H. von Ihering verificar o que por ventura ainda existia delles. Encontrei um homem e duas mulheres, aprisionados ha longos annos e quasi totalmente esquecidos da sua lingua, vivendo entre a população neobrazileira da região de Platina. Delles consegui à custo aquella lista de 36 palavras que von Ihering publicou nas Actas do Congresso de Americanistas de Buenos Aires. É naturalmente dos tres vocabularios existentes o menos valioso, dadas as condições precarias em que foi tomado. Verifiquei tambem que andavam ainda duas mulheres Otú refugiadas e escondidas nos ultimos recantos dos Campos Novos, sem o menor contacto com os neobrazileiros. Esforcei-me para alcança-las, mas só encontrei os ranchinhos delles no chamado Campo da Confusão. Da bocca dos moradores da região compilei a triste

historia do extermínio desta tribo pelos fazendeiros dos Campos Novos que publiquei um anno depois na "Deutsche Zeitung" de São Paulo (Das Ende des Otí-Stammes). Uma tradução portuguesa bastante alterada e má deste artigo encontra-se em A Cruz Indígena. — Porto Alegre, 1926, de Alípio Bandeira. No Mapa Ethnographico anexo ao seu trabalho A questão dos índios no Brazil de von Ihering acham-se os limites do antigo território dos Otí e os lugares onde encontrei os últimos remanescentes. — Este mapa, aliás, não foi "organizado por H. v. Ihering", como reza o titulo, mas exclusivamente por mim.

Pelos annos de 1910 ou 1911 contou-me Artur Diederichsen da Companhia de Viação São Paulo-Mato Grosso que aquellas duas indias Otí em companhia de um menino tinham-se apresentado na Fazenda Indiana (num affluente da margem direita do Laranjá Doce). Em 1943 mostrou-me o Sr. Harald Schultz do Serviço Ethnographico do Conselho Nacional de Protecção aos Índios o retrato de uma velha "india Chavante" que elle encontrou no Posto de Icatú dos Kaingang, em São Paulo. Infelizmente elle não reconheceu a importancia deste achado, nem se pode verificar no photo o distinctivo da tribo: Um furo comprido paralelo á beira exterior da orelha. Pedi muito que se interessasse pelo assumpto, caso voltasse a Icatú, mas creio que até hoje elle não teve mais occasião. — Eis o que sei dos Otí. É extremamente lamentavel que esta tribo tivesse desaparecido sem se angariar material linguistico melhor, porque a lingua parece completamente isolada.

6) Guayanã e Ingain. — Guayanã é um termo tão vago como por ex. "Guarayú". Elle se encontra como designação de tribo desde do Rio Grande do Sul até á margem direita do baixo Orinoco. De Rio de Janeiro para o Sul elle parece ter tido o sentido de "estranho, differente, inimigo". Os Apokúva-Guaraní chamam assim outras hordas Guaraní que elles não gostam (p. ex. os Oguaiáva). Vulgarmente chamava-se assim no Paraná os Kaingang hostis do Laranjinha. A maior parte dos Guayanã dos seculos 17 a 19 parece ter sido Kaingang ou parentes destes; mas este parentesco está sómente documentado para os Guayanã de Faxina. Já Azara distingue entre Guayanã da lingua Guaraní e outros de lingua não-Guaraní, e não creio que estes ultimos tivessem sido Kaingang guaranisados, como Métraux julga. Em todo caso, os actuaes Guayanã de Pirapitá, na margem direita do Paraná são Guaraní legitimos.

Agora os chamados "Tupí" do Arroyo Ivotirocay (assim, e não Ivitirocay) = Ingain: Quando o Dr. Baldus em 1933 euprehendeu a sua viagem ao Paraná e Paraguay eu pedi-lhe que verificasse si ainda existiam esses indios. De volta elle me informou que a tribo tinha sido exterminada "porque não quiz se sujeitar ás leis", segundo lhe disseram. Material linguistico conhecido, fóra daquelle que está publicado no tomo VI da Rev. Mus. Paulista: O de Ambrosetti, tomado com dois "peones" (Materiales para el estudio de las lenguas del grupo Kaingang — Bol. Acad. Nacional de Ciencias, XIV. Córdoba, 1894), e Fr. Vogt (Die Indianer des oberen Paraná — Mitt. Anthropol. Ges. XXXIV. Wien, 1904), parecendo este ultimo o melhor, já porque está escripto em orthographia phonetica. Fóra do Tupí do Ivotirocay traz este

autor tambem material dos Kaingang do bando de Bonifacio Maidana, dos Guayanã de Pirapitá e dos Kaiguaná.

A questão é si estes Tupí do Ivotirocay são ou não identicos aos Guayanã de Patiño e Lista. Infelizmente eu tambem só conheço a transcrição na Rev. Mus. Paulista, mas não as publicações originaes. Segundo aquella o material de Patiño e Lista se refere aos Guayanã de Pirapitá, mas Vogt provou com material linguistico, inclusive textos (e Dr. Baldus o confirmou) que estes são Guaraní missioneiros que se conservaram refugiados durante longos annos. Convinha verificar nas publicações originaes a procedencia exacta deste material de Patiño e Lista. No mais, este material se differencia tanto do de Ambrosetti e Vogt que não posso supprimir a duvida que se trata eventualmente de duas tribus: A de Lista-Patiño e a de Ambrosetti-Vogt, mesmo admitindo que grande parte das divergencias resultem de erros typographicos (o vocabulario de Patiño foi publicado num jornal de Asunción).

É só o que lhe posso responder. Espero que as informações lhe sejam de algum interesse. Aguardando alguma resposta sua

sou com toda a estima e consideração

Curt Nimuendajá

Curitiba, 30 de novembro de 1944

Muito prezado e ilustre prof. Curt Nimuendajá:

Recebi, há dias, a sua amabilissima e muito instrutiva carta, que se dignou responder-me, e não sei com que palavras lhe posso agradecer a sua preciosa atenção, e em assunto de que o sr. é reconhecido e indiscutível mestre.

Presentemente dois estudos linguísticos indigenas me preocupam: o kaingang e o botocudo. Do primeiro fiz o ensaio, que tive, no ano passado, o prazer de enviar-lhe — "Estudos sobre a Língua Caingangue" — separata dos "Arquivos do Museu Paranaense". O segundo, ainda não publicado, consta de numerosas e variadas frases e vocabulário mais ou menos extenso do dialeto que falam os do vale do rio Doce.

Quero publicá-lo comparando com o vocabulário que o dr. Paul Ehrenreich elaborou na "Zeitschrift für Ethnologie", Berlin, 1887, e com o vocabulário inédito que se acha na Bibliotheca Nacional. Esse manuscrito original, português-botocudo, é de autoria do cap. Guido Tomás Marlière. Já copiei, na Bibliotheca Municipal de S. Paulo, o vocabulário de Ehrenreich, e pretendo em janeiro estar no Rio afim de copiar o vocabulário inédito da Bibliotheca Nacional.

Envio-lhe recortes de jornal sobre a minha breve estadia entre os Botocudo do rio Doce. Quanto ao meu estudinho, que, dentro em breve, publicarei — "O Xokrén é Idioma Kaingang", digo o seguinte: "O xokrén apresenta-se interessantissimo, se fôr encarado tambem com relação à Antropologia. Admite o prof. Egon Schaden que se trata de uma lingua resultante de mistura de hordas aloglóticas ("Einiges über die Schokleng von Santa Catharina", "in" "Pindorama", S. Paulo, ano I, cad. 2 e 3, 1937, p. 24). Estou

inclinado a admitir esta hipótese, mas de jeito nenhum creio tratar-se propriamente de mistura glótica, em que os elementos de um idioma pesam de qualquer modo no vocabulário de outro, porém, sim, de substituição de uma língua por outra, denunciada pela concordância das *Leitwörter*. A horda vencedora adotou o idioma dos vencidos (o kaingang), não por meio destes mesmos, os quais foram mortos, porém através das mulheres e crianças, que foram preservadas, como despojos. — Que indígenas seriam esses? Têm a palavra a Antropologia e a Etnologia.

Para corroboração dêsse amálgama, baseio-me em três pontos lingüísticos, os quais serão provas, com ulteriores investigações em maior amplitude:

1.º) Há solução de continuidade glótica entre o kaingang do Paraná e o do Ito Grande do Sul, justamente em Santa Catarina. Grosso modo, há maior concordância fonética entre o Paraná e o extremo sul que entre Santa Catarina e os demais.

2.º) O *f* do kaingang corresponde ao *z* do xokrén. O fenómeno só é explicável por substituição (*Lautersatz*) e não por evolução (*Lautwandel*). E dêste fato notável se deduz que a tribo aloglótica vencedora desconhecia o fonema *f*.

3.º) A língua que desapareceu, deverá ter deixado alguns elementos lexicais. Farão parte do substrato aquêles vocábulos que eu não pude identificar? (Exs.: *Kaklá*, "beber"; *ngrokossüna*, *katyéma*, "bodoque"; *létadma*, "jacaré"; *nyondüma*, "joelho"; *úgn*, "porco"; etc., etc.).

Infelizmente o material lingüístico do botocudo de Santa Catarina é escasso. E soube, há pouco, que o exemplar do "International Journal of American Linguistics" em que se encontra o trabalho do prof. Jules Henry, está esgotado. Do kaingang de S. Paulo possuo o exiguo vocabulário que se acha na separata do dr. Afonso A. de Freitas — "Os Guaianá de Piratininga". Eu quisera imenso perulstrar o material kaingang que o sr. colheu em S. Paulo. Não quer dar a honra de o publicar nas páginas dos "Arquivos do Museu Paranaense", que, dentro em breve, será iniciada a composição? Deficiente ou não, sempre será de grande valia para quem souber servir-se d'êlo. Há de perdoar-me a insistência com que me dirijo ao sr. Eu me valeria, nesse sentido, da boa amizade que o ilustrado prof. Baldus tem para com o sr.

Há poucos dias recebi uma carta do mesmo, dizendo-me que estava em vésperas de partir ao Paranapanema, afim de recolher material para a história dos Kaingang.

Presentemente estou copiando o vocabulário *opayé-xavante* que o sr. publicou na "Revista del Instituto de Etnologia de Tucumán".

Eu quisera adquirir, a qualquer preço, tôdas as separatas que talvez o sr. tenha, referentes a qualquer língua indígena. Perdoe-me esta declaração!

Abraços do

Mansur Guérios

Belém do Pará, 16 de Dezembro de 1944

Illmo. Sr. Rosário Farani Mansur Guérios

Curitiba

Muito lhe agradeço a sua amavel carta de 30 de Novembro. Li com muito interesse as suas exposições e o artigo sobre os Botocudos. Entretanto, queira desculpar-me si em alguns pontos não concordo com o Sr. e que peço permissão para apresentar-lhe estas divergencias, junto com algumas outras observações minhas sobre os assumptos tratados pelo Sr.

1) Eu sei muito bem que é commun considerar os Botocudos — Borun(g) como descendentes dos Aimoré, e que esta identificação foi officializada pelo SPI. Entretanto, em que se baseia ella? — O pouquissimo que sabemos da ethnographia dos Aimoré não falla em favor dessa identificação. Sobretudo não acredito que a todos os que escreveram sobre os Aimoré tivessem escapado aquelles caracteristicos dos Botocudos que nenhum dos historiadores dos Botocudos deixou de salientar: Os discos auriculares e labiaes e o corte do cabelo. No hiato de quasi seculo e meio que existe entre o desaparecimento dos Aimoré e o surgimento dos Botocudos só se encontram algumas vagas menções de Aimoré ou Imboré (Cap. André Pinto, 1732. CrI. João Gonçalves, 1805, etc.) que ao meu vêr não são provas de que os Aimoré do seculo XVI de facto continuaram ainda a existir naquella época. O facto que os Botocudos surgiram na mesma região em que appareceram pela primeira vez os Aimoré (Rio de Caravellas = Rio Mucury) não prova a sua identidade, pois na mesma zona existiam tambem as tribus da familia linguistica Maxakari e os Pataxó.

Pelo contrario, parece que os Gueyen que invandiram a região costeira da Bahia em 1693 e cujos ultimos sobreviventes o principe von Wied-Neuwied em 1816 encontrou perto de Ilheos, fallavam a mesma lingua dos Botocudos (Reise, II. p. 97/98).

2) Eu conheci aquelle rapaz de nome Pak que foi o seu professor de lingua: É um dos tres filhos de Mui(n), ultimo chefe do bando Txonvúgn (bando do chefe Krenák).

3) Tambem conheci muito o seu outro informante, Manoel Aratimbó que alias recebeu a alcunha de Aratimbó do CrI Vasconcellos, do SPI quando este demarcou a reserva territorial de Paraguaçu. É o filho daquella india velha Jacinta Grayürá da qual lhe fallei na minha carta anterior; o pae era neo-brazileiro. Manoel Aratimbó não falla a lingua Kamaká, disto tenho certeza, mas talvez conheça uma ou outra palavra que aprendeu com a velha mãe delle. Permitta-me que chame a sua attenção para este facto, porque acho o Aratimbó muito capaz de uma mystificação em materia linguistica. A lingua Kamaká é muito dura e difficil de escrever, muito mais que a lingua dos Botocudos, e eu duvido que elle tivesse sido capaz de reproduzi-la de uma maneira phoneticamente exacta.

4) Botocudos Crenakes. Descendentes do bando do chefe Krenák são no Posto Guido Marlière sómente aquelles tres filhos de Mui(n). A quasi-totalidade (50 cabeças em 1939) são Naknyantük.

5) O *systema de parentesco* dos Botocudos é extremamente simples, conforme verifiquei com a minha informante da tribu Potén, em Tambacury.

6) *Guido Marlière* não pacificou os Botocudos de Krenák mas, si bem lembrado estou, os do Rio Goandú.

7) Borun(g), Borúgn, ao que me parece, significa indio em geral e Botocudo em particular.

8) Eu tambem penso que a lingua de todos os Botocudos-Borún(g) seja uma só, com differenças locais relativamente insignificantes e que esta lingua é isolada, e não pertence à familia linguistica Gê.

Eu não acho as divergencias entre a lingua Kaingang e a dos Botocudos de Santa Catharina de uma natureza tal que se precisasse recorrer à hypothese de uma transferencia da lingua Kaingang para um povo não-Kaingang. Eu tambem notei que os Kaingang de S. Paulo e os do Rio Grande do Sul pronunciam "ä" onde os do Paraná pronunciam "e", mas não sei si existem mais outros phenomenos phoneticos que justificam que se falle em solução de continuidade dos dialectos. Quanto à substituição do "f" Kaingang por "z" ("s" no vocabulário de Gensch) na lingua dos Botocudos ella talvez se explica pela perfuração do labio destes ultimos. Mas tambem conheço por ex. dialectos de Tupi puro (Kayabí, Würáfet etc.) que substituem os "kw" dos outros Tupi por "f", e não creio que isto represente a forma original, e que os Tupi tivessem abolido o "f" devido ao uso do tembetá (que, na verdade, aquellas tribus não usam).

Não sei a que ponto vão as divergencias grammaticaes entre Kaingang e Botocudo, mas me parece que tambem não são muito profundas. — Que explicação tem o Snr. para aquelle suffixo -ma que apparece em quasi todos os substantivos e verbos do vocabulário de Gensch? Será um mero affirmativo? No dialecto dos Guayanã de Faxina os substantivos tem o suffixo -ve, mas no Kaingang não conheço elemento semelhante.

Finalmente quero chamar a attenção do Snr. para o seguinte facto, sem tirar delle conclusões apressadas: Num numero de casos as formas da lingua dos Botocudos se assemelham mais às dos Tupi do Ivotirocay (Ingain) que às dos Kaingang:

	<i>Ingain</i>	<i>Botocudo</i>	<i>Kaingang</i>
Ciuanmarámlá(ma)brètè
Milhokundágála-koná(ma)nyãrã
Pindódjüntayüne(ma)fain
Cutiatxaché(ma)keshong
Urúklepútpule-klá(ma)putipürü
Melipona sp.kukrakangró(ma)? —
Nádegaamógóengénodagn
Mãonengónengáningé
Péban(a)pane(ma)pen

etc.

Peço que não tome a mal essas observações que estou fazendo. Não sou doutor nem mereço o titulo de "mestre" que a sua benevolencia me con-

feriu. Tenho errado muitas vezes, e sempre estou prompto para corrigir os meus erros à vista de novos dados. Remetto-lhe a copia do meu vocabulário Kaingang de São Paulo para o Snr. tomar conhecimento. Peço-lhe porém que não o publique, nem a elle nem a nenhuma das minhas cartas.

Escreva-me sempre sobre os seus estudos.

Sou seu amigo

Curt Nimuendajú

NOTA: — Devem-se à demasiada modestia de Nimuendajú as palavras finais desta missiva, em que elle solicita não seja publicado o vocabulário apenso, nem tão pouco as suas cartas. E' fora de duvida que, presentemente, não há serio motivo para não dar a lume tão preciosas lições.

R. F. Mansur Guérios

K A I N G A N G — Y A K W Á (N) D A G T É Y E

Levantado com a india Mariana, do Rio do Peixe, na Fazenda Mattão do Crl. Sanches Figueredo, perto de Platina, em 1909.

<i>Lingua</i> — noné	<i>Criança</i> — koxi
<i>Bocca</i> — yantikü	<i>Criança de peito</i> — koxi-ti
<i>Labio</i> — yantikü fürü	<i>Irmão</i> — rengré
<i>Dente</i> — inyã	<i>Irmão menor</i> — rengré korü(n)
<i>Mão</i> — ningé	<i>Irmã</i> — itákevi
<i>Hombro</i> — yanemégn	<i>Irmã menor</i> — invé
<i>Braço</i> — iopé	<i>Pae</i> — io
<i>Antebraço</i> — iaugéfé	<i>Mãe</i> — itá
<i>Dedo da mão</i> — ningé féye	<i>Sógrá</i> — ikakré
<i>Pé</i> — ipén	<i>Sógrá</i> — igmbó
<i>Coxa</i> — ikré	<i>Gente</i> — kaingágn'
<i>Canela</i> — itá	<i>Homem</i> — unaré
<i>Dedo do pé</i> — ipén féye	<i>Mulher</i> — unatü'
<i>Nariz</i> — minyã	<i>Velho, chefe</i> — kofá
<i>Pelle</i> — fürü	<i>Neobrasileiro</i> — fogn
<i>Olho</i> — ikané	<i>Casa</i> — in
<i>Orelha</i> — ningre(n)'	<i>Flecha</i> — igndó
<i>Pescoço</i> — indüi	<i>Arco</i> — iui
<i>Peito</i> — itfé	<i>Machado</i> — begn
<i>Cabeça</i> — ikre(n)'	<i>Panno</i> — kuru
<i>Cabello</i> — ignéi(n)	<i>Canoa</i> — kankéy
<i>Unha</i> — ningru	<i>Panella</i> — kukró'
<i>Agua</i> — góyo	<i>Caya</i> — iové
<i>Rio</i> — góyo bágn	<i>Peixe</i> — pirã(n)'
<i>Madeira</i> — ka	<i>Lambari</i> — kangro fürü
<i>Arvore</i> — kantéyé	<i>Cobra</i> — pan
<i>Pedra</i> — po	<i>Macaco</i> — kayéne
<i>Area</i> — re(n) yere(n) yé	<i>Yeado</i> — kambé
<i>Terra</i> — ga	<i>Onca</i> — mi(n)
<i>Fogo</i> — pi(n)	<i>Milho</i> — nyãrè
<i>Lua</i> — kuxã	<i>Batata</i> — ped-ó
<i>Sol</i> — erã(n)'	<i>um</i> — umpiri
<i>Céu</i> — kaika	<i>dois</i> — rengré

Chuva — ta
Mato — uai(n)ká
Morro — erádn
Estrella — kri(n)
Tio paterno — ió rengré
Tio materno — iá rengré
Dia — kaiká
Inverno — kuxá tüti
Verão — erá(n), tüti
Levantar do sol — erá(n), iuri dimó
Vento — kenká dimó
Trovão — kaiké(n), ta
Calor — erá(n), tüti
Frio — kuxá tüti
Caminho — aprú
Terra roxa — ó kuxó
Campo — éré
Sepultura — ga doró
Fumaça — nirá
Cinza — mre(n) yé
Pingo d'água — nándó dimó
Água quente — góyo ará(n), dimó
Abohora — pachú
Feijão — ran(g)gró
Cocos campestris — te(n)
Cipó guambé — komorón
Caraguatá — ére(n),
Fructa de Caraguatá — ére(n), kané
Taquara — hevén
Taquapi — kre(n)
Folha de taquapi — kre(n) féyé
Guabiroba — panuá
Jaracatiá — kanxú
Cangica — küfi
Pipoca — narú
Queixada — kri(n)
Jaguatirica — grud xi
Cachorro — hogn-hógn
Coaty — txé
Paca — krürá
Cuíta — kaixó
Capibara — krú(n) dügn
Rato — katxin(g)
Tatit — heidyhó
Anta — oyóro
Taitetú — ogixá
Gambá — iará kokré
Nariz comprido — ninye(n) téyé
Garganta — itxóve(n)grú
Barriga — indügn
Umbigo — indügn düdn
Cotovello — iope(n) düdn
Dedo pollegar — ningé bágn
Articulação — ningé iakrinjá
Joelho — iakre(n)
Tornozello — ipen iakre(n),
Cerebro — tikoyó

três — tátó
quatro — wekangrá
cinco — petkárá
amanhã — wáyká(n)
á tarde — anakái(n)
Noite — kutük
Bugio — gogn
Aza de ave — tiféné
Gallinha — kodkódu
Papagato — kantó
Arara — kaegn
Tucano — gró
Picapau — nagnin(g)gó
Jacutinga — pedy
Jacit — kolí
Urú — putpürí
Inambú — de
Gavião — yongóng
Rã — gre(n) i
Sapo — bo, hüvü
Maribondo — pe(n) dü
Jatehy — tí(n)
Pernilongo — txi(n)
Mosquito — kará
Mosca — katol(n)
Borboleta — meberó
Pulga — kampo
Carrapato — tíri
Homem brabo — ungré yumá
Homem preto — ungré txü
Homem alto — ungré téyé
Homem magro — ungré kayó
Homem gordo — ungré bágn
Marido — idámédn
Esposa — ipró
Índio Coronado — Kaingágn'
do Rio do Peize — Yakwá(n)-dagtéye
do Tibagi — Xokre(n),
Sobrancelhas — ikoyokí
Pestanas — kané yumbü
Testa — ikake(n),
Queixo — irá
Barba — iráne(n),
Bigode — yantkü ne(n)
Face — iamé
Ouvido — iningre(n) dóro
Dansa — gringréyé
grande, grosso — bágn
alto — téyé
longe — koaragü'din
magro — kayó
curlo — onorürü
branco — kupri
preto — txü
vermelho, marrão — kutxó
verde, azul — tody
quente — ará(n), tüti

podre — tikokré
doce — krudnhü' tüti
nú — kuru tó
cançado — inyui(n)prá tüti
doente — kan(g)gá tüti
cego — kutri tüti
bom, bonito — hatavi, xinui
bravo — iumá
mau, feio — korégn
bebado — tatéré
cozinhar — angréinda
morrer — téré
matar — tedn
morder — tiprárá
gritar — prérére
queimar — poru(n) dimó
meu pai morreu — ió wentéré
morrer afogado — góyo róte
buscar agua — góyo ruti(n),
beber agua — góyo hakrón
aquecer agua — góyo rán(g)gre
Rio Tieté — Góyo txa krogm
Rio do Peize — Góyo bágn kupri
Rio Felo — Góyo txi
buscar lenha — pinti(n),
fazer fogo — kidyanká
socar milho — tidindidn nyárá
debulhar milho — gre(n) dá nyára
não chove — kute(n), ketóttún
faz calor — inyuakaránmo
ainda não comi — iwá ketóni

Chifre — tiniká
Canota — timbü'
Oso — tikuká
Veia — timrón
Sangue — kovédy
Pulso — ikafü'
Suor — kará
Saliva — idyará
Gordura — tide(n),
Cadaver — titéré
Casinha — in oudá
Casa grande — in bágn
Cama — yaxó
Remo — kadampéra
Anzol — ankü
Linha do anzol — ankuí dyüdn
Aguilha — prá'yé
Pente — vaekurü'ya
Taquara de dança — tugndu(n),
Cesto — keinyé
Cestinha — kre
Cabaço — rudniá
Pilão — krá'yé
Mó de pilão — kra
Chapéu — kre(n) kri téyé
Collar — nyantká
Linha — indárefe(n),
Carne — tini
Mel — má(n)
Cera — déyé
Farinha — mefú
Pão — iamí(n),
elle está dormindo — hadnóro
elle já accordou — iwá rirináni
é teu — ató ve
traga a panella! — bakandi(n), kukró
volt-me embora — etxin(g) gená
coma! — hakó
toma! — kámira
vae! — hati(n),
venham! — hakamonye(n),
entra! — hakaná
Antonio está? — Antonio múkani(n),
elle não está — ké fini
quero beber agua — góyo krogm hé tüti
não tenho — ke tó
não quero — déa
não trago — bakandi(n) ke tó
doe-me a barriga — indügn kangá tüti
doe-me a cabeça — ikri(n), kangá tüti
estou bom — inhé tüti
para onde vais? — txingená aprü' yába
von para casa — txingená ixó in.

Obs.:

- ã = som intermediário entre *e* e *a*
x = quasi como *ix*. (port. em *xarope*, ou *sh inglês*, ou *sch alemão*).
ix = *ch inglês*.
í = quasi como *v*.
é, ê, ù = postpalatal.
' = indica tonicidade.
n = significa vogal nasal como o *til*.
n(g) = ressoante nasal; equivale ao *-ng* do alemão ou do inglês.

Belém do Pará, 16 de Dezembro de 1944

Curt Nimuendajú

NOTA: Como eu disse na Introdução, tive de substituir por outras as letras com sinais que só algumas tipográficas possuem.

R. F. Mansur Guérios.

Curitiba, 10 de janeiro de 1945

Muito prezado e ilustre Curt Nimuendajú:

Respeitosos cumprimentos.

Esta é a resposta da que o sr. se dignou enviar-me, datada de 16 pp. Antes de tudo, quero confessar-lhe que muito tenho aprendido com as suas preciosíssimas cartas, tão cheias de notáveis ensinamentos, e de quem, como o sr., conviveu, durante largos anos, com as mais variadas tribos do Brasil, e que, por conseguinte, merece e muito justamente o título honroso de mestre. Não é sómente nas escolas superiores que se obtém títulos, senão ainda na universidade do mundo. Pelo fato de que a gente é passível de erro, não é motivo de recusar o título de mestre concedido pelo consenso dos especialistas, e grande é aquêlle que retifica suas próprias opiniões, teorias, em vista de novos estudos, etc.

Em junho de 44, ao entregar pessoalmente ao prof. dr. Herbert Baldus o recorte de "Entre os Botocudos do Rio Doce", perguntei-lhe se não seria bom adotássemos a denominação antiga Aimoré, em vez de Botocudo, ao que logo me pôs êle de sobreaviso e declarou ainda já estar definitivamente consagrada, na Etnografia, o nome de Botocudo. Esqueceu-me de, na última carta, transmitir ao sr. que eu já estava ao par dêsse esclarecimento.

Passo agora a explicar outros tópicos do meu artigo, que mereceram sua preciosa atenção.

De fato, Manuel Aratimbó não fala o kamaká, mas não afirmei o contrário. Eu devia declarar que êle me confessara se tinha quase completamente esquecido a sua língua, pois já havia anos que deixara os seus. Mas, o pouco material que me forneceu, é legítimo kamaká, como pude verificar da comparação a que procedi com os vocabulários de "La Familia Lingüística

Kamaká del Brasil" de Chestmir Loukotka in "Revista del Inst. de Etnologia de la Universidad de Tucumán, t. II, 2.a, Tucumán, 1932 (da p. 510 a 524). Tomo a liberdade de citar alguns exs.:

"agua"	Aratimbó Martius Douville Mongoió (Wied)	<i>sã</i> <i>zan</i> <i>d'san</i> <i>su</i>
"andar"	Aratimbó Martius Mongoió (id.)	<i>hãmã</i> , <i>ãmã</i> <i>emang</i> <i>mãn</i>
"anta"	Aratimbó Douville Kotoxo (Martius) Mentien (Wied)	<i>ré</i> <i>heré</i> <i>here</i> <i>ere</i>
"fogo"	Aratimbó Martius Sã de Oliveira	<i>trakõh</i> , <i>trakõu</i> <i>tiakõ</i> <i>dtakõ</i>
"paca"	Aratimbó Mongoió (Wied)	<i>káfi</i> <i>káwi</i>
"preto, escuro"	Aratimbó Menien (Wied) Mongoió (Wied)	<i>kuadá</i> <i>kuatá</i> <i>koa-ré-da</i>

Coligi cerca de 200 palavras, contando-se repetições. Não me forneceu nem os pronomes, nem os numerals. Não digo que êsse pequeníssimo vocabulário seja perfeito, mas, conforme o sr. poderá deprender dêsses exemplares, tem algum valor, porém contesto que o kamaká seja muito difícil de escrever. Achei, pelo contrário, incomparavelmente muito mais difícil o botokudo. Sei que o Príncipe Wied declarou ser a língua kamaká "muito singular, cheia de palavras e extensas, com muitos sons guturais, pelo que se diz verifica profundamente das anteriormente tratadas." E quanto ao botokudo, sei que assim se exprimiu: "Casos há em que o som de algumas consoantes é muito confuso e não se distingue, o que torna algumas vèzes ininteligível, se bem que o seja menos que outras línguas tapuias." Porém, eu acrescento que a seqüência de mais de um século pode produzir variações mais ou menos profundas na fonética.

Relativamente ao sistema de parentesco, devo esclarecer que isso eu não deviera ter afirmado, mas que difícil é a sua coleta, o que não é a mesma coisa. No entretanto, lembrar-lhe-ei as palavras de Henri H. Manizer sobre o mesmo assunto.

A respeito do cap. Guido Marlière, peço vênia para reafirmar que o mesmo pacífico não só os Botokudo de Krenák, senão ainda outros de outras regiões, assim como os Puri, etc. Tenho à mão o n.º 10 da "Revista do Arquivo Público Mineiro", ano X, fasc. I e II, jan. a junho de 1905, B. Horizonte, 1904, onde, da p. 383 até à p. 668, há numerosos documentos das grandes atividades dêsse francês em várias localidades do vale do rio Doce. No n.º 11 dessa "Revista" há notas biográficas do mesmo capitão em que se declara o que aqui se afirma.

Passo agora a falar dos Xokré de Santa Catarina.

Pretendo estudar com especial carinho esse idioma, porém tenho também de considerar as ciências afins — Antropologia, Etnografia... Repito, pois, o que provavelmente o sr. já saiba. São de Egon Schaden estas palavras: "Neuerdings ist jedoch ausser Zweifel gestellt worden, dass es sich um kulturell verschiedene Stämme handelt. Es besteht allerdings eine Aehnlichkeit in der Sprache... und in einigen Sitten und Gebräuchen. Sicherlich hat vor längerer Zeit eine Mischung stattgefunden" (Pindorama, 2 e 3, S. Paulo, 1937, p. 24). Vou procurar alhures a confirmação.

Todos os ff do kaingang não são primitivos, i. é, todos provêm de pp, conforme demonstrei com alguns exs., à p. 14 e seg., dos meus Estudos sobre a Língua Caingangue. Poderei, com facilidade, aumentar o número de provas. Assim, o z do xokré de jeito nenhum representa uma fase primária. É a sequência fonética kw > f de línguas tupis, que o sr. me expõe, é Lautwandel e não Lautersatz. O fenómeno deve ter-se realizado assim: kw > kv > kf > f. Kw é primitivo.

No guajajara do Maranhão observa-se que, ao i, e ao j dos outros idiomas tupis, corresponde o z. Não está no mesmo caso do kaingang-xokré. J > z é evolução natural, não substituição, mas j não é fonema primevo, senão i semivogal.

Não posso atinar o que seja o sufixo -ma do xokré, que, segundo os penquenos vocabulários de José Maria de Paula, se acha não só em adjetivos (palé(n)-ma, "raso"; layogú-ma, "quente"; pando-ma, "torto"), mas até em advérbios: kulág-ma, "amanhã"; etc. Também não descobri o que seja o -ve de le-ve, "sol"; do-ve, "flecha"; me-ve, "jaboticaba"; fogfog-ve, "cão", dos exemplares de Saint-Hilaire.

Não resta dúvida que são curiosas as comparações entre o ingain, o botokudo e o kaingang, porém o defeito máximo é a escassez do material, principalmente do primeiro.

Fico-lhe muito agradecido pelo vocabulário que me remeteu.

O dr. Loureiro Fernandes, catedrático de Etnografia na Faculdade daqui, meu colega, de quem o sr. deve estar lembrado pelo conhecimento travado no Rio, há poucos anos, pede-lhe diga em que pé está a próxima coletânea de todos os seus trabalhos traduzidos que o Museu Nacional editará.

Eu aqui na Faculdade de Filosofia não leciono matéria afim desses estudos, mas Português.

Abraços, e votos de felicidades no decurso do novo ano!
Sempre às ordens!

Mansur Guérios.

Belém do Pará, 25 de Janeiro de 1945

Prezado amigo Sr. Rosário F. M. Guérios.

Muito obrigado pela sua interessante carta de 10 de janeiro. Vamos continuar a tratar desses assumptos, si a sua paciência ainda o permittir.

1) O Kamaká'. — O que eu receiava com relação ao Kamaká' do Aratimbó era que elle não tivesse sido capaz de reproduzir com exactidão aquellos sons da lingua que divergem do portuguez e que elle com isto descharacterisasse a lingua. Em parte isto de facto parece se ter dado, como deduzo de uma comparação dos exemplos citados pelo Sr. e pelo facto de o Sr. afirmar a simplicidade phonetica do Kamaká'. Jacinta Grayürá, mãe de Aratimbó não só fallava o Kamaká' isento da influencia phonetica do portuguez como, ao contrario, pronunciava o portuguez á maneira Kamaká', ao ponto de me torna-lo a principio quasi incomprehensivel. Os exemplos são vocabulos que tomei da sua bocca:

(x = ch allemão em "ach", sh inglés. — tx = ch inglés. — xh = ch allemão em "ich". — á, ü = postpalatal. — kh, ph, th e tsh não são k, p, t e ts emphaticos, mas k+h, p+h, t+h e ts+th).

*	Aratimbó:	Jacinta:
Aguasátshá
Fogotxaköü'txaxké
Pacakáfikavy (monosyllabo)
pretokuadákwahadá

Alem das combinações de consoantes acima, figuram no vocabulario de Jacinta ainda outras bastante estranhas, como p .ex.:

khashk	= bebida de mandioca
antxaxkxh	= fallar (provavelmente: tu estás fallando).
kfióá	= maracajá
shanents	= jacutinga
kxhko	= ferida, etc.

Para taes gymnasticas de lingua eu acho Aratimbó incapaz. Talvez encontrem-se no seu vocabulario algumas dessas palavras citadas que lhe permittam uma confrontação.

2) A pacificação do bando de Krenak. — Por occasião da visita de Ehrenreich este bando estava ainda "völlig wild und feindselig"; elle lhe dá o nome de Takruk-krak. No tempo da installação do SPI no Rio Doce existiam (1911) ainda tres bandos hostis: os Krenak (Chefe Mui(n)), os Mínyá'-yirúgn (Pancas) e os Poyitxá (São Matheus). Portanto, só si os Krenak, depois da pacificação por Marlière se tornaram hostis outra vez.

3) Os Botocudos de Santa Catharina. — É preciso que eu repita ao Sr. o que há pouco escrevi ao Dr. Baldus: Acho também muito provavel que, fóra dos Guarani e Kaingang (e parentes) tivesse existido no Paraná um ou mais elementos ethnicos differentes daquelles. De muitas tribus citadas pelos antigos chronistas nada sabemos a respeito de sua filiação, sinão affirmações sem fundamentos. Em São Paulo existiu, eucravada entre Guarani e Kaingang, a tribu isolada dos Xavánte-Oti; os chamados "Botocudos" da região do Ivalhy são linguisticamente Guarani mas culturalmente nem Guarani nem Kaingang (Alíás: o Sr. pode me dizer si ainda existem remanescentes delles? Caso que sim elles bem mereciam a attenção do Sr.). O P. Chagas Lima cita entre o Paraná, o Piquiry e o Tiatú os Taven que não fallavam

Guaraní e, como elle considerava Guarani e Kaingang aparentado, tampouco este ultimo. A que Serrano escreveu sobre esse assumpto não me satisfaz bem. Eu mesmo não posso dedicar a um estudo da ethnographia antiga do Paraná por falta da litteratura antiga. Si o Sr. o tentasse um dia?

4) **Kaingang.** — Reli o que o Sr. escreveu sobre a origem do f em Kaingang. Infelizmente as razões expostas pelo Sr. não conseguiram ainda convencer-me bem. A pronunção notada pelo Sr. eu não ouvi. Só notei um f como em portuguez. Os vestigios em vocabularios de outros autores são duvidosos devido à incoherencia da orthographia. Tive a impressão que Fr. Mansueto não comprehendeu bem a phonetica dessa lingua. Seria muito a desejar que o Sr. ouvisse pessoalmente o dialecto de São Paulo e o de Rio Grande do Sul. Então as suas conclusões teriam outro valor. — O mesmo vale quanto ás correspondencias extra-Kaingang: A orthographia de Pompeu Sobrinho em Merrime é especialmente deficitente, disto sei eu que tenho sempre algum pequeno conhecimento da lingua Canella. Finalmente, estendendo a comparação mundo afóra a incerteza cresce ao ponto de tornar de pouco valor os exemplos. Em geral acho que o Sr. em muitos casos associa palavras que apenas tem pouca probabilidade de serem de facto relacionadas. Com exemplos como Kaingang fâgn (a mim a palavra soou "fen" no Ivahy) = Nicobar pakau, "pez", o Sr. abandona por completo o terreno seguro. Mas pelo amor de Deus não me tome a mal esta critica! A priori, eu acho a procedencia do f em Kaingang como o Sr. a explica, muito plausivel. A comprovacao apenas me parece ainda insufficiente.

Em todo caso, si houve um Lautersatz Kaingang f Botocudo z elle devia ter-se dado depois da substituição do p pelo f em Kaingang?

O meu vocabulario Kaingang de São Paulo. — Depois de lhe ter mandado tornei a percorre-lo, e vi que tenho de prevenir o Sr. de que em muitos sentidos elle NÃO representa bem o dialecto proprio de São Paulo, isto é, do Aguapehy e Peixe como eu o ouvi tres annos depois, quando fizemos a pacificação destes Kaingang. Agóra faz já mais de 30 annos que nunca mais ouvi a lingua Kaingang, mas ainda me lembro bem do seguinte: os Kaingang de São Paulo pronunçavam tx em logar do x dos do Ivahy, e v (dento-labial) em logar de f. Em muitos casos pronunçavam tambem ä ou quasi a em logar de e. Os nomes Favign e Xakxodndéré elles pronunçavam Vavign e Txaktxodndéré. Que esta pronunçação só raras vezes apparece naquelle vocabulario me explica-se pela convivencia da india que mo forneceu com Kaingang do Tibagy dos quaes uma parte, depois da dispersão da colonia São Pedro de Alcantara, emigrou para o Estado de São de Paulo onde um grupo se aggregou ao mesmo CrI. Sanches Figueredo que capturou aquella india, vindo todos juntos na fazenda Matão delle. Acho necessario este aviso para o Sr. não tirar daquelle vocabulario conclusões erradas a respeito do dialecto de São Paulo.

Faça-me o obsequio de me recomendar ao Sr. Dr. Loureiro Fernandes e de dizer a elle que muito lhe agradeço o interesse que está tomando nos trabalhos meus; que em fins de Dezembro mandei para o Museu Nacional o primeiro manuscrito: "os Ramkókamekra" (Canelas), e que actualmente estou traduzindo o meu stock de lendas, tanto as já publicadas em allemão como

as inéditas. São mais de 300 lendas (incluzive alguns fragmentos) de 22 tribus differentes. Quando porém o Museu Nacional publicará alguma coisa não sei. Encontro uma grande difficuldade, para não dizer impossibilidade de entender-me com o Museu Nacional, facto este que me desgosta e me dá de pensar bastante.

Mais uma vez peço-lhe desculpa por alguma critica que fiz, e espero que, apezar de tudo, podemos continuar a nossa troca de ideas e materias.

Abraços de

Curt Nimuendajú

Curitiba, 7 de março de 1945

Prezadissimo amigo Curt Nimuendajú:

Deixei de responder a tempo a sua de 25/1, em vista de ter eu viajado, estando em férias. Estive em S. Paulo e tive o prazer de conversar com o nosso amigo comum dr. Herbert Baldus, com quem troquei idéias a respeito de assuntos ethnográficos e linguísticos, e fizemos referências à sua pessoa, em vista das nossas atuais relações.

Passo a tratar do que se refere a sua amável e prestimosa missiva de 25 de janeiro:

1.º) **O kamaká.** As palavras que colhi, em comparação com o material botocudo, fizeram-me declarar o de que o sr. se espantou — a simplicidade fonética daquele, simplicidade fonética relativa, devo acrescentar.

Quanto ao kamaká que o sr. apanhou da velha Jacinta, não discuto nada, nem discordo absolutamente do que foi acolhido, mas permita-se-me esclarecer. A Linguística moderna dá muito mais importância à linguagem oral que à escrita, e dentro da linguagem oral valem mais as frases que as palavras soltas, porque o homem, em qualquer tempo e latitude, sempre tem falado por meio de frases, do que se conclui que, se quisermos apanhar para o papel a linguagem viva, devemos registrar conversas ou frases de qualquer natureza. Ora, um mesmo homem não fala nunca de um mesmo jeito, embora os fatos possam ser semelhantes; o seu estado de espirito é variável quasi ao infinito, doride, para os mesmos fatos, segundo as circunstâncias psíquicas, devem forçosamente ser registradas as mesmas frases mais de uma vez, porque essas variações de espirito se manifestam na exterioridade fônica (duração, intensidade, altura e timbre). Ora, será possível que um vocabulo isolado possa traduzir todos esses matizes psíquicos? Aliás, isto é possível, se o vocabulo isolado valha por uma frase. Não quero dizer que não tenha valor a coleta de palavras insuladas. O seu valor consiste justamente nisso em que a palavra isolada é um estado psíquico não completamente real, não afetivo ou emotivo, mas intelectualístico, ou, quando muito, pode ser manifestação reflexa de qualquer actividade passada.

Baseado em tudo isso, é que fiz os **Estudos sobre a Língua Caingangue**, esclarecendo (p. 12 da separata): "Muitas vezes as palavras foram repro-

duzidas de modos diferentes, porque assim foram por mim recolhidas. Ora um vocabulo se apresenta com um fonema, ora sem êle ou com fonema diferente; ora com um acento, ora com outro, e ora sem nada. Ninguém se admire disso, porquanto a linguagem oral é naturalmente instável e muito; depende de circunstâncias subjetivas, da conformação dos órgãos da fala, como também depende das palavras antecedentes e consequentes do discurso. Se quiséssemos reproduzir a conversação de qualquer civilizado, ríamos chegado quase às mesmas conclusões acima." De fato, apauha-se de um ou de outro indivíduo civilizado formas múltiplas, tais como, p. ex., espelho, spelhu, ispellhu, expello, ispêto, etc.

— Qual é a forma correta e qual a errada ou viciada?

— Tôdas são corretas, porque correspondem a realidades psíquicas. É verdade que uma forma pode ser consequência de outra, portanto deve-se admitir formas anteriores e posteriores, mas possíveis de coexistência. Além de tudo, é preciso que se tenha em consideração, no indivíduo, a sua idade, sexo, instrução, meio geoffísico em que vive, etc.

2.º) **Kaingang**. Acêrca da origem do *f*. Mesmo que não existisse a pronúncia do *ph*, que talvez pudesse ter sido peculiaridade individual, quero aduzir novos exemplos para confirmar a sua origem.

Talvez o *sr.* descreia que um *p* possa evolucionar para *f*, como duvidou o dr. Baldus, porém inclinou-se algum tanto a admiti-lo, quando lhe lembrei que o fenómeno é communissimo na Clotologia teutômica. Bastem alguns exemplos: anglo-saxão *opan* = alto alemão antigo *offan* (*offen*); anglo-sax. *diop* = alto al. ant. *tiof* (*tief*). Como inicial, lat. *pater* = alemão *vater* (*i. é, fater*). Anglo-sax. *plegan* = alto al. ant. *pflegan* (*pflegen*). Latim *parave-redus* > al. *pferd*.

Voltando ao terreno das comparações americanas, sirvam mais êstes exemplos: *kaingang fan, fá, "chorar"* = uantina *u-pan-kó, "chorar"*; *kaing. fa-g, "elas"* = tupi *pé, "vós"*; *kaing. fé, ki-fá, "coração"* = tupi *pyá, idem*; *kaing. fen, "quebrar"* = tupi *pena, no-péne, idem*; *kaing. fuöre, f(u)ör, "pele, couro"* = tupi *pi-pera, idem*; = krixaná *pi-peré, idem*; *kaing. féere, "pe-nas"* = ipurukotó *ia-peri, idem*; etc.

Quanto às deficiências que o *sr.* acha nos vocabulários de Fr. Mansueto e de Pompeu Sobrinho, podem muito bem ser sanadas mediante comparações com os outros vocabulários dos mesmos idiomas e de outros autores. E ade-mais diz um célebre linguista suço, que os sinais escritos nada mais são que imagens cuja exactidão deve ser determinada.

Eu acho razoável a sua dúvida naquelas comparações extra-americanas, as quais, afinal, para merecerem acolhimento, necessitam, como allures, de maior extensão no terreno dos confrontos. Contudo, não sei se o *sr.* acolhe as investigações linguísticas de Alfredo Trombetti e os cotejos de Paulo Rivet...

3.º) O seu vocabulário *kaingang de S. Paulo*. Fico-lhe muito agradecido do por me ter pôsto de sobreaviso quanto ao vocabulário *kaingang*, que, embora apauhado em S. Paulo, "não representa bem o dialeto próprio de São Paulo, isto é, do Aguapehy e Peixe..."

Transmiti ao dr. Loureiro Fernandes as suas recomendações, assim como as novas referentes aos seus trabalhos. Sentimos muito, assim como sentiu o dr. Baldus, que haja grandes dificuldades na feitura dos mesmos, que é de tamanha importância para a Etnologia nacional. Fazemos votos que se afas-tem todos os óbices e os tenhamos o mais depressa possível.

Conte sempre com a minha paciência para o que der e vier.

Sempre muito agradecidamente,

Mansur Guérios

Belém do Pará, 17 de Março de 1945

Caro amigo Sr. Mansur Guérios

Respondo, com muito prazer á sua interessante carta de 7 de Março. Antes de tudo convem salientar que não estou absolutamente tratando de levantar ou derribar theorias scientificas. Apenas procuro applica-las nos casos concretos de que temos tratado na nossa correspondencia.

Em primeiro logar acho que o Sr. tenha plena razão de salientar a influencia de momentos psychicos sobre a lingua oral, e uma vez que ella existe, deve ser estudada e levada em conta devidamente. O que me parece, entretanto, é que o Sr. dá demasiada importancia a essas influencias. Seria preciso que o Sr. me dissesse que as variantes "espelho, spelhu, ispellhu" etc. correspondem ás condições psychicas *a, b, c, etc.* Enquanto isso não fór possível todas essas differenças, alias ao meu vêr bem insignificantes, nada nos adeantam practicamente, e tirar conclusões baseadas nellas só pode causar confusão. Practicamente todo mundo, inclusive o Sr., desconsidera taes differenças: a que matizes psychicas correspondem a forma "diop" do anglo-saxão e "tief" do allemão? O Sr. compara as duas formas sem se incommodar com esta pergunta, e nem podia ser de outra forma. Talvez o Sr. vá dizer que, precisamente por se tratar de palavras isoladas, a influencia psychologica é nulla ou quasi nulla. Mas si o momento psychologico é tão importante e decisivo: Porque o Sr. forma os seus exemplos comprobatorios com elementos onde elle se acha excluído? — A mim essa questão da psychologia linguistica me parece apenas uma das muitas tentativas que appareceram com Freud de conferir á psychologia a ultima palavra em tudo quanto se refere ao homem. A que resultados desastrosos essa tendencia pode levar demonstra por ex. a sua applicação á sociologia. — O que quer dizer isto, que a lingua fallada tem muito mais importancia que a escrita, si a fallada só é practicamente aproveitavel para estudos linguisticos depois de escrita? O que vale um phonogramma de qualquer lingua indigena si elle não fór transcripto, traduzido e analysedo? O discipulo em qualquer lingua — por exemplo o Sr. com os seus informantes Kaingang — tem de levar immediatamente ao papel as suas lições.

Si bem comprehendendo, o Sr. attribue as divergencias entre o Kamaká de Aratimbó e o de Jacinta a estados psychicos differentes entre os dois infor-

manentes. Mas ellas não se manifestam em forma de differenças de duração, intensidade, altura e timbre, mas na falta de certos sons, proprios da lingua Kamaká mas que faltam ao Portuguez, da parte do primeiro dos informantes, e esta falta não se explica psychologicamente mas simplesmente pela pouca practica que elle tinha do Kamaká.

Si o Sur. encontra a palavra de "lua", da lingua Kaingang escrita "koischá" por Dullej, "coché" por Saint-Hilaire, "qcham" por Ewerton Quadros, etc., isto não é devido a influencias psychicas diversas, visto tratar-se de uma palavra isolada. Mas si numa palavra isolada podem apparecer tamanhas divergencias por outras razões: Quem nos diz que as differenças notadas em phrases não procedam de causas identicas? A dura experiencia tem me ensinado que a principal causa de semelhantes divergencias está na aprecepção e reprodução deficiente por parte dos diversos autores dos sons da lingua estranha que elles procuram identificar, ora com este, ora com aquelle som da sua propria lingua materna. Dullej chega a declarar que a orthographia ingleza é especialmente propria para reproduzir a lingua Kaingang (cito de memoria).

Eu comprehendia muito bem si o Sur., escrevendo um dia a ultima palavra sobre a lingua Kaingang, dedicasse um longo capitulo a influencias affectivas e emotivas sobre os phonemas, mas em assumptos puramente comparativos como estes de que nós estamos tratando, querer tambem leva-los em conta só pode ser prejudicial. Si meia duzia de variantes da palavra "espelho", por representarem inevitaveis matizes psychicas, são todas egualmente validas, o Sur. tem naturalmente a facultade de escolher para a comparação aquella que mais lhe convier. E si isto vale para as variantes de "espelho" porque não para as da palavra "lua" em Kaingang também. Veja onde isto vae parar!

Agora a origem do f em Kaingang: Eu não descreio absolutamente que um p possa evolucionar para f, tanto que na minha carta de 25 de Janeiro escrevi: "A priori, eu acho a procedencia do f em Kaingang, como o Sur. a explica, muito plausivel. A comprovação apenas me parece ainda insufficiente." E essa restricção eu tenho de repetir hoje novamente. Cita o Sur.:

Caing. fa-g, "ellas" = tupi pé, "vos"; o-po, "vos" (aliás, eu vos). Porém: "ellas em Kaingang não é fa-g mas füagn (o -n em composições desaparece), isto é = fu (feminino) + agn (plural). O que tem este feminino fu do Kaingang com o pronome pe do tupi? Além de que, eu para mim acho inadmissivel formar equações com o pronome da 3.ª pessoa de uma lingua e o da 2.ª de outra. Ia-peri = "pena" do Ipurucotó (os vocabularios de B. Rodrigues devem ser tomados com muita cautela!) significa provavelmente "aza", sendo composto com apo = braço, etc., das linguas Karib; i- é prefixo, -ri é suffixo. Onde fica então a semelhança com o Kaingang fééré (que a mim soou fuére, sendo o -é um mero éco da vogal precedente com acento tonico, como sempre acontece em Kaingang nas palavras em -r).

Em linguas indo-europeas (e mesmo dentro dos dialectos da lingua alle-mã) a equação p = f é, como o Sur. salienta, extremamente frequente; em linguas sulamericanas não. Em logar della encontra-se p > p(h) > h. Isto se dá por ex. do Tupi para o Yurúna-Xipaya. Do Suyá escreve Steinen (Centralbrasilien, p. 356): "Das alte p (dos outros Gé) haben die Suyá aufgegeben. ... An

Stelle des p beggenn wir dem p(h) oder h, zwei Lauten die im Suyá sehr ähnlich sind. Die begünstigende Ursache dieser Veränderung ist ohne Zweifel die Lippenscheibe, weun auch andre, mit demselben Zierrath ausgestattete Stämme da p beibehalten haben". (Por exemplo os vizinhos Górotire-kayapó que usam discos labiaes, em alguns casos eguaes em tamanho aos dos Suyá, e os Botocudos de Minas cujos mais antigos vocabularios já trazem o p, quando o uso do disco labial ainda era geral). Portanto, quei-me parecer, a derivação do f do Kaingang de um p de outras linguas carece de uma comprovação com exemplos insuspeitos, tirados das linguas mais estreitamente aparentadas ao Kaingang (que são em primeiro logar as linguas Gé), mas não de qualquer outra lingua, americana ou não. Assim pelo menos eu approximaria o assumpto, si tivesse de dedicar-me a elle, o que não impede que o Sr. tenha outras vias á disposição.

Agora as investigações de Trombetti e Rivet. Infelizmente não tenho agora ao meu alcance uma unica obra de Trombetti, e como desconfio muito de mim quando cito de memoria, prefiro deixa-lo de parte.

A Rivet (e Créqui-Montfort) devemos o importante trabalho de uma classificação, ao meu vér bem satisfactoria, das linguas da baixa Bolivia. Eu comeei a discordar delle quando elle classificou o Miránya como Tupi, o Yagua-Peba como Karib e o Tukuna como Aruak. Si nesses tres trabalhos eu já não pude mais aceitar um grande numero das equações linguisticas de Rivet, isto se deu ainda em escala muito maior nos seus dois trabalhos em que elle tende a relacionar linguas americanas com linguas austronésias. Primeiro com a familia Hoka. De todas as familias linguisticas da America do Norte esta é sem duvida a mais vagamente circumscripta. Kroeber, Sapit, etc., estenderam as relações della pela America Central a dentro. Eu não duvido que taes relações existam, e sim que ellas sejam sufficientes para o estabelecimento de uma familia linguistica Hoka em sentido tão lato. Assim como ella está, ella põe á disposição de Rivet um tão grande numero de formas divergentes da mesma palavra que uma qualquer dellas por fim sempre combina com outra qualquer da Austronesia. Si se tratasse da uma familia linguistica norteamericana nitidamente circumscripta como a Sioux, Iroquois ou Maskógi, por ex., tal desconfiança não procederia.

Exactamente o mesmo é o caso das relações entre o Txon e o que Rivet chama "l'Australien", como si isto fosse alguma unidade linguistica, e não uma multidão de linguas isoladas e pequenos grupos que entre si só tem muito pouca ou nenhuma relação de parentesco. Outra vez o grande numero de formas torna illusorias as equações. Parece-me que semelhança caçada á vocabulos parecidos só pode dar um resultado apparente. A relação entre o Kaingang e o Tupi do Úvotirocay, ou mesmo o Gé podemos ainda mais ou menos determinar por uma comparação lexical, mas para trabalhos como os que Rivet se propoz a fazer, é indispensavel que se leve em conta tambem a phonetica e grammatica. Entretanto, as comparações de Rivet são puramente lexicacs. Outra coisa: O que se sabe da composição e etymologia dessas centenas de palavras de um e outro lado que elle compara? Elle secciona na as palavras por meio de traços, não por motivos etymologicos, mas porque

assim convem ás suas equações. Outra coisa que não posso aceitar é a maneira como elle compara palavras com sentido demasiadamente diferentes. Taes comparações são: "sol" com "estrella", "pau" com "fumaça", "bocca" com "nariz", etc. O Snr., provavelmente achará isto perfeitamente licito.

Estes trabalhos de Rivet são interessantes, mas um resultado seguro que possa servir de base, elles, ao meu vêr, não representam.

Rivet, para estabelecer parentescos linguísticos, tornou-se muito precipitado, como tive de experimentar comigo mesmo: Numa pequena publicação minha confrontei uma vez, por mera curiosidade, 8 palavras da lingua Matanawü com os termos correspondentes da lingua Múra, da qual naquella época eu só possuia material muito deficiente. (Mais tarde, quando tinha tomado provas dessa lingua de 5 bandos diferentes, verifiquei que malmente 4 daquellas 8 equações são validas). Pois foi o sufficiente para que Rivet egualasse o Matanawü aos outros dialectos Múra (Langues Américaines, n. 672).

A carta já ficou comprida demais, e chega de rosnar!

Sempre a sua disposição

Curt Nimuendajú

Na minha ultima carta tem um erro:

Em lingua Kaingang "fer" é juçara, e não pinheiro, como eu escrevi

Curitiba, 15 de abril de 1945

Muito prezado amigo Nimuendajú:

Tenho também grande satisfação em responder à sua carta em que o sr. dá mostras de muito interesse em resolver comigo problemas curiosos de Linguística.

1.º) Como o sr. parece convir, é impossível querer, em certas representações gráficas convencionais, precisar as condições psíquicas correspondentes às variações de pronúncia. Apenas pode-se verificar que certas palavras foram dotadas de grau superior de emotividade, denunciadas pela gemação. Tais são os exs. do latim: *sollus*: *solus*, *nassus*: *nasus*, *sollers*: *solers*, *vorax*, *bucca*: *buca*, *Varro*: *Varus*, etc., e no italiano: *brutto*: *bruto*, *doppo* *doppo*, etc.

2.º) Não são somente os fatos psíquicos cujas condições são impossíveis de precisar. Quase todos os linguístas concordam em que o clima também influi na evolução da linguagem, especialmente na fonética, mas o resultado é quase inútil, quando se quer precisar a questão, delimitá-la e concretizar os fatos.

3.º) As variantes de pronúncia, no indivíduo, são limitadas, por mais ilimitados que sejam os seus estados psíquicos. Há um *Spielraum*. O grande

lingüista Karl Vossler não o admite, mas, sim, diz éle, a variabilidade infinita, porque infinitas são as nossas intuições espirituais.

4.º) Assim, pois, é verdadeiro que tôdas as variantes de um vocábulo, por representarem inevitáveis matizes psíquicos, são tôdas igualmente válidas para qualquer estudo, comparativo ou não: "Un Papua pronunciò davanti a Sievers la parola "caffè" in cinque modi diversi senza accorgersi della diversità: *voka*, *vok'a*, *vokha*, *voga*, *vogha*. É chiaro che, per la comparazione, noi dovremmo considerare le cinque gutturali come equivalenti" (A. Trombetti, *Elementi di Glottologia*, Bolonha, 1923, p. 319).

"Anche certe alterazioni naturali del linguaggio dovute a percezione imperfette e quindi a riproduzioni fonetiche inesatte, dipendono anch'esse dallo spirito, poichè non si riproduce esattamente se non ciò che si capisce esattamente, e affinchè un fonema sia riprodotto bene occorre che riviva col suo simbolo acustico nello spirito" (G. Bertoni, *Programma di Filologia Romana come Scienza Idealistica*, Genebra, 1923, p. 41).

5.º) Por outro lado, dadas as variantes fônicas de um mesmo vocábulo, é claro que umas são externadas necessariamente em seqüência a outras, de modo que para a comparação, não só se tem a facilidade, senão que se deve escolher aquella que mais convier, porque representa o resultado dessa seqüência. A seqüência de que se fala aqui, pode ser evolutiva (ou cronológica em sentido restrito) e substitutiva ou reversível (ou ainda paraplasmática). Assim, há seqüência evolutiva: $t > ts > s$, mas substitutiva $s: t: ts: t... ou t: ts: t... ou t: ts: t... etc.$ É claro que só teóricamente se têm seqüências evolutivas, absolutas, porque a prática apresenta sempre as seqüências reversíveis, visto como é este o caráter verdadeiro das oscilações. O latim *titio*, -onis, antes de chegar ao português *tiç-ão*, andou oscilando em *titio*: *tisio*: *titio*: *tsio*..., mas evolutivamente (ou cronologicamente) há *titio > tistio > tizio*, e não *tisio > tistio > titio*.

Se tenho diante de mim *p: f: ph: p: f: ph...* de um lado e de outro *p: b: b africado: p africado: b...* posso tirar a conclusão da primitividade ou do *p* ou do *f*. Em vista da natureza destes fonemas, devo, para resolver qual deles é o primitivo, recorrer a outros métodos, e um destes é o das áreas.

Por outro lado, se eu tiver *p: b* em confronto com *f: v*, em vista da natureza destes fonemas, não posso chegar à conclusão $p > v$, nem $v > p$. Deixo de lado estas para admitir as seqüências fônicas $p > f > v$ (ou $p > b > v$) e $v > f > p$ (ou $v > b > p$).

6.º) As variantes fônicas de uma mesma palavra são e não são insignificantes. São insignificantes, porque muitas vezes são infinitesimais. Acaso um *t*-inicial será exatamente de mesma pronúncia que um *-t*-medial ou de *-t* final? E será o *t* de sílaba tônica, *p. ex.*, *matar* o mesmo *t* de sílaba átona: *mato* ou *matador*? E será o substantivo *mato* pronunciado exatamente como o verbo "homófono" *mato*? Formará equação fônica alguém que age, dizendo *-Eu te mato-* e outro que apenas repete a frase?

Mas, também sustento que as variações ínfimas não são muitas vezes insignificantes, porém, significativas. Assim, se há numa lingua, *p. ex.*, as variantes tidas por primitivas *ue, ui, oe...* para a idéia de "casa", e, em outra

língua *oke*, *uki uke*..., com o mesmo sentido, também consideradas primitivas, é claro que, se num terceiro idioma, se verifica *uhe*, *uhi* ou *u'e*, *ui*, eu devo prender estas às variantes com *k* e não às outras, em vista do *-h-*, ou de *'*, a representar qualquer aspiração. Esta exemplificação é forjada, não resta dúvida, mas salva-se o princípio.

Entre o *pl-* latino (*plorare*) e *ch-* português (*chorar*), deve-se admitir uma cadeia mais ou menos longa de variantes fônicas, muitas das quais infinitesimais, porém indispensáveis. Citam-se algumas: *plóorar* > *pléorar* > *pliorar* > *p(t)xorar* > *txorar* (> *chorar*).

7.º) Quanto ao vocábulo isolado, repito aqui o que foi dito na minha carta anterior: "Não quero dizer que não tenha valor a coleta de palavras isoladas. O seu valor consiste justamente nisso em que a palavra isolada é um estado psíquico não completamente real, não afetivo ou emotivo, mas intelectualístico, ou, quando muito, pode ser manifestação reflexa de qualquer atividade passada".

Se eu de fato condensasse irrestritamente a colheita de vocábulos soltos, como poderia ter eu em conta o que tenho registrado? ! E valeria a comparação com uma só forma? Mas, não; vale também aquela como esta. Porém vale mais a multiplicidade de formas. Ou, então, o sr. não dá valor às variantes dialetais? Aquelas são da mesma natureza destas. No vocabulário de Martius há, p. ex., no taino, *luca* e *yuca* para a idéia de "branco". Se houvesse o registro de apenas *yuca*, nada se poderia fazer acerca de comparação com uma raiz **luk-* ou **ruk-*, mas dadas *yuca* e *luca*, a conclusão segura, inabalável, que se tira imediatamente é *luca* > *yuca*.

8.º) Voltando às comparações do *kamakã*, confesso que muitas das diferenças entre o Aratimbó e sua mãe Jacinta se devem à pouca prática que elle tinha dessa língua, principalmente de certos sons peculiares, inexistentes no português, o qual foi o idioma que veio a prevalecer nele. Mas não se deve excluir a diferença de sexo, nem a diferença de idade, que, de qualquer modo, influem no falar.

9.º) Eu seria muito ingênuo se negasse as deficiências de autores no apanhado de vocábulos, ou então attribuisse tôdas as diferenças a influxos espirituais, porém, de outro lado, não sei se os principais defeitos desses autores, p. ex., Barbosa Rodrigues, sejam de natureza gráfica. Seria ótimo que elle houvesse usado um sistema de transcrição fonética, mas não será por esta falta que se há de censurá-lo. Eu gostaria de saber em que se precisa de muita cautela no emprêgo desses vocabulários de B. Rodrigues.

A análise *ia-peri*, "pena" do *ipurukotó* merece confirmação, como as que apresentei, o que, afinal, não desloca da comparação o *kaingang féere*, ou *fiére* da sua coleta.

10.º) É verdade, o sr. acha plausível a transformação de *p* em *f*, apenas a comprovação do caso *kaingang* lhe parece insufficiente, ou, então, os exemplos devem ser insuspeitos, "tirados das línguas mais estreitamente aparentadas ao *kaingang*, que são, em primeiro lugar, as línguas *Gê*".

Torno ao caso não já para os cotejos, senão para chamar nova atenção para os exemplares que citei à p. 15 dos meus *Estudos*...: *féno*, "trocar, vender" = *péno*, da p. 91 (Valfloriana). E à p. 301: *vender*: *péno*, *féno*, e

no apêndice, p. 327. Na p. 93: *fón*, *fódn*, "expulsar, tocar, atirar" = *pón*, "atirar", da p. 163. No apêndice, p. 328: *fodn*, "arrebentar, atirar" = *pod*, *fod*, "jogar fora, largar", da p. 350. Acrescentarei agora os seguintes preciosos exemplos da mesma obra de Valfloriana: p. 115: *kapé*, "galho" = p. 23: *kaféi*, *kaféé*, "flor, ramo" (talvez por etimologia popular: p. 14 *kapén*, "ramo" (*ka + pén*)). As pp. 92 e 227: *fod*, *fón*, *fódn*, "atirar" = p. 163: *pón*, *póno*, *idem*. Estes e possivelmente outros exemplos comprovam que o fenómeno é recente, no vale do Tibagi, e, por outro lado, confirmam que os fenómenos linguísticos não se realizam todos ao mesmo tempo, e quase sempre deixam vestígios.

Mas, segundo a classificação linguística de Chestmir Loukotka, o *kaingang* não participa do grupo *gê*, porém do grupo de igual nome — *kaingang* — em que se inclui o ramo *kaingang* propriamente dito, com a subdivisão: 1.º) dialeto central; 2.º) dialeto *kadurukre*; 3.º) dialeto *kamé*; 4.º) dialeto do leste; 5.º) do sul; 6.º) do norte. Depois incluem-se o *wayana* ou *guaiuhã*, o *awel-koma*, e, por último, o *ivitorokái* e o *ingain*. Assim, pois, devo estabelecer confrontos, em primeiro lugar, com as línguas desse grupo. Porém, mesmo que só encontre *f* em vez de *p*, isto não destrói o que assevero, por muitas razões, donde a necessidade de estender os confrontos para outros domínios.

11.º) Com referência à minha comparação *kaingang fa-g*, "elas" = *tupí pé*, "vos", isto é, pronome de 3.ª a fazer equação semântica com pronome de 2.ª, apenas lhe direi que isso se tem realizado. Dentro do português o fato se deu: *voce* é pronome da 3.ª pessoa, como a expressão de que proveio — *vossa mercê* —, no entanto, se eu tivesse de ligar *voce* com outro pronome, só poderia fazê-lo com *vós* ou *vos*, que são da 2.ª pessoa, isto é, apresentaria *vo-cê* = *vó-s*, *vo-s*.

Outro exemplo, que é também de admirar, vou encontrá-lo no eslavão antigo *my*, "nós", a que corresponde o latim *me*, sânscrito *me*, grego *moi*, gótico *mi-k*, etc. Voltando ao português, lembrar-lhe-ei que o pronome oblíquo *lhe* tanto se refere à pessoa com quem se fala (portanto da 2.ª), como à pessoa de quem se fala (portanto da 3.ª pessoa), assim também os possessivos *seu*, *sua*, e os oblíquos *o*, *a*.

12.º) Deixarei para a carta vindoura algumas palavras com referência a Rivet e a Trombetti, mas adiantarei que, em muitos problemas que se propõem de concordâncias linguísticas a gente deve ficar na posição de dúvida, porquanto freqüentemente posteriores investigações poderão causar surpresas.

As relações que Rivet propõe, como as que o sr. me cita ("estrêla = "sol", etc.) não são impossíveis, porque se verificaram em numerosas e variadas línguas.

Bem; termino esta com desejo de prosseguir nestas curiosidades, e sempre com a melhor boa vontade!

Abraço-o com admiração e grande simpatia,

o Mansur Guérios

Belém do Pará, 28 de Maio de 1945

Caro amigo Sr. Mansur Guérios.

Nessas ultimas semanas as minhas occupaões tem mudado de uma tal forma que não pude responder promptamente a sua interessante carta de 15 de Abril. Estou me preparando para uma nova viagem aos Tukuna da região fronteira de Tabatinga onde tenciono demorar-me meio anno. Antes de ir, porém, tenho de concluir ainda outro trabalho para o Museu Nacional, de maneira que o tempo me ficou escasso em extremo. Portanto tenho de limitar-me a poucas palavras, o que eu peço que o amigo me desculpe.

A maneira como o Sr. applica a casos especiaes os seus conceitos de linguistica geral eu olho em alguns casos com certa reserva devido ao perigo que consiste na demasiada latitude resultante para comparações e parallelas. Acho os caminhos de evolução e processos de substituição das diversas familias linguisticas demasiadamente divergentes para se comprovar, por ex., a possibilidade de relação entre pronomes de segunda e terceira pessoa em linguas Tupi e Gê com exemplos de linguas indoeuropéas. Formas reverenciaes como "Vossa Mercê" e seus derivados não vêm ao caso, se não devia-se levar em conta para a comparação de pronomes também os termos com que o japonês os substitue. O que eu sei que se dá em linguas do nosso meio indigena (linguas Tupi impuros etc.) são relações entre as tres pessoas do singular e os pronomes da primeira pessoa do plural, inclusive e exclusive, porque estes são compostos de eu + tu e eu + elle. Mas quão differente não é isto do que o Sr. cita de linguas indoeuropéas! Outrosim: "Sol" e "estrella" podem ter relação em alguma lingua algures no mundo que desconheço. Em linguas de indios sulamericanos só me lembro agora de relações entre "sol" e "lua" (denominação identica, differente de "estrella") ou de "lua" e "estrella".

Não acho que divergencias dialectaes sejam da mesma natureza das divergencias por motivos psychicos. Estas surgem a qualquer momento, aquelles necessitam ao que me parece, de tempo e de um meio novo. O dialecto é um producto historico ou social, e como tal o tenho em consideração. Já sei aliás que o Sr. não regeita absolutamente uma approximação pelo lado historico aos problems linguistics, pelo menos em alguns casos.

Agora os vocabularios de B. Rodrigues: o Primeiro defeito delles não é culpa do autor, porque consiste no grande numero de erros typographicos que uma comparação com outros dialectos revela. O segundo é que o autor parece ter confiado demais no escrupulo dos seus interpretes. O vocabulario Crichaná elle não pode ter obtido de indios que ainda não tiveram nenhum contacto pacifico com civilizados. Já o nome "Crichaná" prova a influencia de algum interprete (Makují) do Rio Branco onde se chama assim aos indios hostis do Uraricúera (Kirixana). Da lingua dos indios do Yauapery existem quatro vocabularios (B. Rodrigues, Payer, Hübner e J. Gondim). Os tres ultimos combinam ao ponto que podem ser attribuidos à mesma lingua; o de B.

Rodrigues diverge. Porque? — Provavelmente pelo mesmo motivo que o seu vocabulario Ipurucotó sahiiu tão differente do vocabulario Purukoto de Koch-Grünberg: Não representa a verdadeira lingua dessa tribu mas, desde da forma do nome tribal, a dos Taulipang. A culpa sem duvida foi do interprete que ou era um Taulipang que muito pouco sabia do verdadeiro Purukotó, ou um Purukotó quasi completamente assimilado aos Taulipang. Conheço aliás um bom numero de vocabularios deste typo, sendo um dos mais typicos o da lingua "Kukura" de V. Frits, publicado por Loukotka e criticado por mim á p. 182 do tomo XXIV do Journ. Soc. Améric. Paris. — Terceiro: Em materia de ethnologia B. Rodrigues tem-se permitido taes coisas que pelo menos eu acho bom pôr de molho as suas informaçoes. Assim por exemplo elle escreve em letras redondas e illustra com uma estampa (Rev. da Expos. Anthropol. Brasileira, Rio, 1892) que os Mundurukú mumificam a cabeça do inimigo extrahindo-lhe os ossos e diminuindo o tamanho. Escreve elle que assistiu pessoalmente a esse processo que nem antes delle nem depois investigador nenhum viu, sendo todos unanimes em affirmar que os trophéos dos Mundurukú são preparados com o craneo e conservando o seu tamanho natural, como aliás tambem provam os numerosos exemplares em museus brasileiros e estrangeiros. Demais, a estampa na revista citada representa uma legitima "tanta" dos Jívaro que são os que empregam aquelle processo descrito por B. Rodrigues. — E outros "pequenos erros" semelhantes.

Devo confessar que os exemplos da existencia simultanea de f e p no material de Vallfloriana são convincentes. Apesar de Loukotka, eu me inclino a considerar o Kaingang como subgrupo da Familia Gê; entretanto estou prompto a corrigir a minha opinião á vista de novos elementos. Quanto a divisão de Loukotka em seis dialectos, eu vejo nisto apenas um bonito exemplo a que ponto se pode chegar tomando "ao pé da letra" os vocabularios de diversos autores. Não existe nenhuma differença entre a falla dos Kanyerú e dos Kamé que são as "moitiés" NÃO localizadas da tribu. A mim me pareceu que existem tres formas sensivelmente distinctas do Kaingang, aliás reconhecidas tambem pelos proprios indios: 1) o dialecto do Norte (S. Paulo e Laranginha). 2) O dialecto central (Paraná). 3) O dialecto do Sul (Rio Grande).

Mas só quero formar uma opinião definitiva depois de vêr o resultado do estudo do Sr., feito não com vocabularios de outros, mas com material colhido directamente pelo Sr. entre os diversos grupos, e é o meu grande desejo que o Sr. realize isto quanto antes.

Sou seu amigo velho

Curt Nimuendajú

O habitat dos Op(h)ayé, tanto no tempo da sua maior expansão (depois do recuo dos Kayapó Meridionais) como no anno de 1908 em que visitei a tribo pela primeira vez o Sr. pode vêr no mapa que acompanha o trabalho de Hermann von Ihering sobre os indios do Sul do Brasil, na Revista do Museu Paulista de 1910, si não me engano. Apezar do título que dá como autor aquelle scientista, o referido mapa é exclusivamente trabalho meu. Os limites carecem de algumas correções de pouca importancia. No mesmo mapa o Sr. encontrará tambem o Rio Verde: É um affluente da margem direita do Alto Paraná. Creio que hoje restam dos Op(h)ayé quando muito alguns individuos avulsos.

Depois da sahida de Métraux, o Instituto de Etnología de Tucuman não appareceu mais, e por conseguinte tambem não foi mais publicado o resto dos vocabularios meus, nem me devolveram os manuscritos. Não são, aliás, de linguas Aruak e sim Tukána, e mais outros avulsos (3 vocabularios de Makí, Puinave. Tupí do Rio Machado. Itogapúk, Deukwána-Makiritare, e mais alguns outros dos quais não me lembro.

Sempre ao seu dispor

Curt Nimuendajú

Curt Nimuendajú

Belém do Pará

Museu Paraense.

Curitiba, 1.º de outubro de 1945

Ilmo. Sr.

Curt Nimuendajú

Museu Paraense

Belém do Pará

Prezado Sr.:

O dr. Herbert Baldus, de S. Paulo, indicou-me o seu endereço e pediu-me que lhe remetesse uma separata do meu estudo sobre fonética histórica tupi-guarani — "Diferenças Fonéticas entre o Tupi e o Guarani". É com o máximo prazer que eu satisfaço aquêlpe pedido: estou remetendo em separado um exemplar.

Aproveito esta oportunidade para lhe solicitar uma informação a respeito do hábitat dos Op(h)ayé-Chavanté, cujo vocabulário o Sr. publicou na "Revista del Instit. de Etnología de la Univers. Nac. de Tucumán". O rio Verde a que o Sr. se refere, pertence a que bacia?

Também desejo que o Sr. me informe se foi publicado o restante dos vocabularios de linguas aruak que o Sr. começou a publicar na mesma revista (t. II, entrega 2.ª, 1932), sob o título "Idiomas Indígenas del Brasil", e que são os "Apontamentos lingüísticos" do reconhecimento dos Rios Içana, Ayarú & Uaupés. A coleção daquêla revista que conheço (pertencente à Biblioteca do Museu Paranaense) é muito falha e não possui os fascículos que devem seguir-se à "entrega 2.ª", do 2.º tomo.

Aguardando sua resposta, subscrevo-me com muita estima e consideração.

Aryon Dall'Igna Rodrigues

Aryon Dall'Igna Rodrigues

Av. Iguaçu, 339 — Curitiba

Paraná — Brasil

São Paulo de Olivença, 7 de Dezembro de 1945

Ilmo. Snr. Aryon Dall'Igna Rodrigues

Curitiba

Recebi hontem em São Paulo de Olivença a sua carta de 1.º de Outubro. Si o trabalho do Sr. estiver publicado no Boletim da Biblioteca de São Paulo, elle já se encontra em Belém, e muito lhe agradeço o presente que, entretanto, só poderei apreciar quando eu em Abril de 1946 voltar ao Pará.